

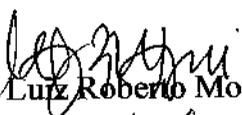
Josiane de Paula Lima Isaac

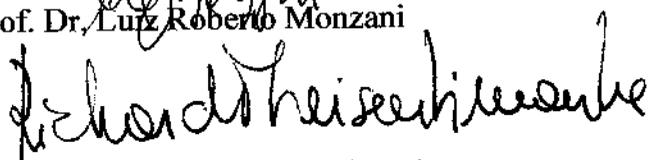
SEDUÇÃO E FANTASIA NO PENSAMENTO FREUDIANO

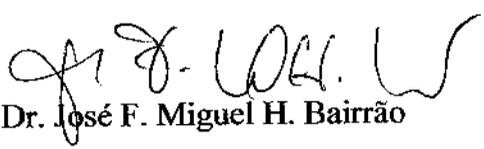
Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas
sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em
30 / 03 / 2006.

BANCA


Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani


Prof. Dr. Richard Theisen Simanke


Prof. Dr. José F. Miguel H. Bairrão

MARÇO/2006

BIBLIOTECA CENTRAL
CESAR LATTES
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

Josiane de Paula Lima Isaac

SEDUÇÃO E FANTASIA NO PENSAMENTO FREUDIANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas
sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em
30 / 03 / 2006.

BANCA

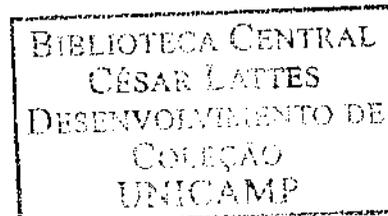
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Prof. Dr. José F. Miguel H. Bairrão

MARÇO/2006

1



UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
1217
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 70532
PROC 16-123-06
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 08/11/06

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Bib ID 390154

Is1s Isaac, Josiane de Paula Lima
Sedução e fantasia no pensamento freudiano / Josiane de Paula
Lima Isaac. - - Campinas, SP : [s. n.], 2006.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise.
3. Epistemologia. 4. Fantasia. 5. Sedução. I. Monzani, Luiz
Roberto, 1946- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(cc/ifch)

Palavras – chave em inglês (Keywords): Psychoanalysis.

Epistemology.

Fantasy.

Seduction

Área de concentração : Filosofia.

Titulação : Mestre em Filosofia.

Banca examinadora : Luiz Roberto Monzani, Richard Simanke, José Miguel
Bairrão.

Data da defesa : 30/03/2006

2006 at 559

Dedicatória

Aos meus pais, fundamentais para a construção dos meus sonhos e da minha realidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos mestres: Luiz Roberto Monzani, pela liberdade e generosidade ao me ajudar a realizar este trabalho; Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza, pela presença constante em minha formação, vivendo comigo a paixão pelo conhecimento; Suad Haddad de Andrade, interlocutora e incentivadora.

À Ana Rita Nutti Pontes, minha analista, que lutou comigo por esta realização, acompanhando-me sempre nos “encontros e despedidas”.

Aos meus pais, Humberto Jorge Isaac e Josiana de Paula Lima Isaac, pelo profundo amor e constante incentivo.

Aos meus irmãos, Humberto de Paula Lima Isaac e Fabiana de Paula Lima Isaac, por compartilhar dos meus projetos e vibrar com as realizações.

Aos meus avós, José Mario de Paula Lima, Jamile Sabino Lima e Cristina Cozac Jorge; e a minha afilhada Maria Carolina, pelo amor dedicado sempre.

À banca, formada pelos professores-doutores Luiz Roberto Monzani, Richard Simanke e Miguel Bairrão, pela paciência e pelo respeito com que trataram esta dissertação.

Ao Álvaro de Oliveira Paiva Neto, pelo carinho e pelo estímulo.

Aos meus amigos, parceiros e irmãos: Camila, Cristiane, Lilian, Cristina, Daniela, Mariana, Márcio, Claudia, Adriana, Éder, Adriano, Jean, Sérgio, Sueli, Carlota.

À Capes pelo auxílio a esta pesquisa.

*“A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós - próprios.”*

*Ricardo Reis**

* Heterônimo de Fernando Pessoa

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo realizar uma leitura da obra de Sigmund Freud, principalmente dos textos escritos até 1920, orientados pelos conceitos de sedução e de fantasia.

A teoria da sedução surgiu no início das formulações do pensamento psicanalítico de Freud, trazendo algumas noções fundamentais para todo o desenvolvimento posterior da teoria. Aparentemente, a sedução foi abandonada em 1897, abrindo espaço para o conceito de fantasia. A fantasia ocupou um lugar central no corpo teórico como expressão maior da realidade psíquica, e, como tal, pôde ser entendida enquanto estrutura organizadora da experiência.

A fantasia mostrou-se sempre articulada ao desejo, caracterizando o mundo psíquico. Por outro lado, Freud parece não abrir mão de um fundamento “real”, externo ao psiquismo, que retomaria um evento original, e por isso mesmo mais efetivo. Dessa maneira, realizou-se uma discussão a respeito da relação entre realidade interna e realidade externa, tentando percorrer as várias nuances dessa relação.

Por fim, rearticularam-se os conceitos freudianos de sedução e de fantasia usando as indicações de Laplanche e os textos de Freud a partir de 1933. Desse modo, foi feita uma tentativa de esclarecer as posições desses conceitos e suas articulações ao longo do pensamento freudiano.

PALAVRAS-CHAVES: Freud, psicanálise, epistemologia, fantasia, sedução.

ABSTRACT

This dissertation aims at accomplishing a reading of Sigmund Freud's work, especially of those texts written until 1920, oriented by the concepts of seduction and fantasy.

The seduction theory appeared in the beginning of the formulations of Freud's psychoanalytic thought, bringing some fundamental notions for all the subsequent development of the theory. Apparently, the seduction was abandoned in 1897, making room for the concept of fantasy. Fantasy occupied a central place in the theoretical body as a major expression of psychic reality and, as such, could be understood as an organizing structure of the experience.

Fantasy has always been shown as articulated to the desire, characterizing the psychic world. On the other hand, Freud seems not to give up a "real" fundament, external to the psychic world, which would resume an original, and thus more effective, event. According to this, we performed a discussion on the relation between the inner and outer realities, in an attempt to encompass the several features of this relation.

At last, we rearticulated the Freudian concepts of seduction and fantasy using the indications of Laplanche and the texts of Freud from 1933 on. Accordingly, an attempt was made as to clarify the position of these concepts and their articulations throughout Freud's thought.

KEYWORDS: Freud, psychoanalysis, epistemology, fantasy, seduction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo I - Da sedução à fantasia	25
1.1 Primeiros passos: o conflito.....	26
1.2 A noção de trauma.....	31
1.3 A descoberta da sedução através da clínica.....	36
1.4 Sintoma: formação de compromisso.....	44
1.5 As primeiras noções de fantasia.....	47
Capítulo II - A fantasia	53
2.1 O aparecimento da fantasia e suas implicações.....	55
2.2 A pulsão e a fantasia.....	57
2.3 A importância dos aspectos constitucional X relacional na sexualidade infantil e na fantasia.....	63
2.4 A origem das fantasias edípicas.....	68
Capítulo III - Realidade psíquica e realidade externa	75
3.1 A fantasia como realidade psíquica.....	75
3.2 Movimento da realidade psíquica e da realidade externa.....	78
3.3 A fantasia como objeto da psicanálise.....	83
3.4 Breve apreciação sobre a função da fantasia na segunda tópica freudiana.....	86
3.5 O papel da realidade externa para a formação da fantasia.....	90
Capítulo IV - Da fantasia à sedução generalizada	97
4.1 A reelaboração da teoria da sedução ou a sedução generalizada.....	98

4.2	Recalque na sedução.....	103
4.3	Conceitos de passividade e atividade em Laplanche para uma teoria da sedução generalizada.....	106
4.4	Mensagens enigmáticas como “corpo estranho”	108
	Conclusão.....	115
	Referências Bibliográficas.....	121

INTRODUÇÃO

A fantasia e a sedução em movimento

A prática clínica foi o campo de investigação da psicanálise e por muitas vezes obrigou Freud a repensar e reformular algumas concepções de sua teoria. Houve momentos em que a teoria se encontrava defasada em relação aos conteúdos a que se tinha acesso através da clínica. Nesse sentido a teoria psicanalítica foi construída por meio de movimentos contínuos. Para o presente trabalho interessa-nos a idéia articulada por Monzani:

“O fato de que Freud tenha introduzido adições, retificações, conceitos clínicos novos (...) só nos interessará na medida em que possam afetar a estrutura teórico-explicativa da Psicanálise.”¹

A estreita relação que a Psicanálise tem com a clínica permite que estejamos num contínuo diálogo entre aquilo a que se tem acesso na análise de pacientes e a estrutura teórica à qual nos reportamos. A idéia para este trabalho surgiu pelas vivências da prática clínica e instigou-nos a pensar sobre o papel dos desejos inconscientes, construídos em análise, para a determinação das experiências vividas socialmente. A questão que se coloca diz respeito à possibilidade de tomar os relatos das pessoas numa dimensão de realidade psíquica, ainda que percebamos o esforço de algumas para nos provar, através de fatos e evidências, aquilo de que se está falando. Dificilmente, ainda que seja necessário, conseguimos inteiramente nos afastar dos pensamentos sobre “verdades ou mentiras” contadas em análise. Lembremo-nos do desabafo de Freud para Fliess, na carta de 1897: “Não acredito mais na minha neurótica.”

As questões, neste estudo, vieram da prática clínica, mas elas devem ser discutidas a partir da obra freudiana, numa análise de seus textos e de outros autores interessados em discutir

¹ MONZANI, L.R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989. p. 16.

sobre o status da realidade e de fantasia na teoria. Segundo Simanke:

*“Freud foi levado quase a afirmar que a situação analítica é o verdadeiro laboratório da psicanálise, ou seja, que o lugar da produção e da aplicação do conhecimento psicanalítico coincidem.”*²

O estudo que se apresenta tem como intenção discutir teoricamente os conceitos de sedução e de fantasia, valendo-se de textos freudianos referentes, prioritariamente, à primeira tópica- até 1920- de sua teoria. Para tanto iniciaremos esta investigação pela passagem da sedução para a fantasia e as implicações que seguem dessa conhecida mudança. Pensamos que esse movimento do pensamento freudiano abriu caminho para discussões de conceitos importantes e nos permite acompanhar algumas reformulações interessantes sobre as noções de sedução e fantasia que permaneceram durante todo o desenvolvimento teórico da psicanálise.

A fantasia como conceito freudiano

A fantasia passou a ser um conceito fundamental pela sua importância na determinação das neuroses e inaugurou o conceito de realidade psíquica na psicanálise. As fantasias inconscientes que estavam na base dos sintomas histéricos, ganharam, dentro da teoria, o lugar de representantes dos desejos inconscientes. Dessa forma, a idéia de uma influência da realidade material na formação dos sintomas transpõe-se para uma discussão do seu papel na formação das fantasias.

Os desejos de que falamos estão profundamente vinculados aos acontecimentos do indivíduo para com o seu meio social. A fantasia irá representar um desejo que se origina de pulsões sexuais internas e do estímulo externo. Em última análise a fantasia freudiana pode ser compreendida sempre no vértice de fatores internos, constitucionais, e de fatores externos, de

² SIMANKE, R. T. *Metapsicologia Lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFRP, 2002. p. 30-31.

natureza relacional.

Ao longo desta dissertação deveremos trabalhar os vários momentos em que estes dois fatores (interno e externo) entram em desequilíbrio. Muitas vezes pensamos que Freud acaba valorizando um fator em detrimento do outro para compreender a origem das fantasias inconscientes. Entretanto essa possibilidade deve ser melhor avaliada, já que a discussão sobre a origem da fantasia em relação aos conceitos de interno x externo, não chega a um consenso entre os seguidores da teoria psicanalítica.

Laplanche e Pontalis descrevem o conceito de realidade psíquica da seguinte maneira:

“...; trata-se fundamentalmente do desejo inconsciente e das fantasias conexas,”; e já adiantam a problemática que surge de uma diferenciação rígida entre as fantasias e a realidade material: *“Existe na verdade um problema teórico da relação entre a fantasia e os acontecimentos que lhe terão servido de suporte.”*³

Mais uma vez ressaltamos que, a proposta desta dissertação é investigar, nas obras freudianas, o que constitui uma fantasia. Por meio de que elementos as cenas de fantasia são formadas na mente? Esta pesquisa visa a explicitar o que se compreende, em Freud, por fantasia inconsciente e sua relação com a realidade material proposta pela teoria da sedução.

O conceito de fantasia para outros autores

O conceito de fantasia é facilmente encontrado em vários autores pós-Freud, entretanto uma leitura atenta revela que nem sempre há consenso a seu respeito. A fantasia, conceito desenvolvido por Freud, parece multiplicar-se em leque com várias facetas distintas, na medida em que compreendemos seu uso nas outras teorias psicanalíticas.

³ LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Laplanche e Pontalis; sob direção de Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 426.

Apresentamos, a título ilustrativo, algumas dessas teorias, a fim de tornar bem clara as diferenças no conceito de fantasia. Estamos certos de que comparar as diferenças conceituais entre os psicanalistas sobre o conceito de fantasia não é a nossa intenção, no entanto, parece ser relevante perceber as várias formas que um mesmo conceito freudiano assumiu. Talvez essas várias “fantasias” são possíveis pelo próprio desenvolvimento teórico do conceito de fantasia e pelos seus movimentos ao longo da obra de Freud.

Laplanche e Pontalis, em *Vocábulos da Psicanálise* (1995), definem o termo alemão *Phantasie* usado por Freud enquanto imaginação. A intenção do termo é designar o mundo das fantasias, sua atividade criadora e seus conteúdos. Para possíveis esclarecimentos os autores descrevem:

*“Daniel Lagache propôs retomar no sentido antigo do termo fantaisie (fantasia), que tem a vantagem de designar ao mesmo tempo uma atividade criadora e as produções, mas que, para a consciência linguística contemporânea, dificilmente pode deixar de sugerir os matizes de capricho, originalidade, ausência de seriedade, etc.”*⁴

O fato é que do mesmo conjunto de obras (as obras freudianas) outros autores tomaram a fantasia como fundamental para suas teorias, mas a adotaram como conceitos extremamente diferentes. Podemos citar duas importantes vertentes da psicanálise que partiram de Freud e tomaram a teoria da fantasia de maneira drasticamente diferente, como Melanie Klein e Sandor Ferenczi.⁵

Para Melanie Klein, Susan Isaacs, Hanna Segal, a fantasia é basicamente a expressão das pulsões. A realidade tem pouca influência na origem das fantasias e a representação daquilo que é

⁴ LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocábulos da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 4. ed., 1995. p. 228.

⁵ Estes autores trabalharam com o conceito de fantasia nas suas formulações teóricas e, apesar de não ser ponto crucial para o desenvolvimento deste trabalho, uma breve menção de seus pontos de vista é necessária, uma vez que nos permite vislumbrar a grande dimensão que a teoria da fantasia ocupa na psicanálise.

externo só existe permeado pelas pulsões internas. Para essas autoras a fantasia além de ser a representação das pulsões, também é o fator que estrutura o mundo mental: “(...) esta ‘expressão mental’ do instinto é a ‘fantasia’ inconsciente. A fantasia é o corolário mental, o representante psíquico do instinto. Não existe impulso, nem ímpeto ou reação instintivos, que não sejam experimentados como ‘fantasia’ inconsciente.”⁶

Klein leva a noção de realidade psíquica às últimas conseqüências, uma vez que, para que algo seja fantasiado, não é necessário que haja contato com o mundo externo. Na verdade, Klein organiza a compreensão do funcionamento mental inconsciente através de fantasias precoces. Além disso, a criança só é capaz de entrar em contato com a realidade externa por meio dos processos de projeção e introjeção. Nestes processos o relacionamento da criança com os objetos externos está sempre permeado pelas angústias infantis externalizadas na figura do outro e da identificação de uma realidade externa parcial, seguindo os desejos infantis.

A fantasia para a escola kleiniana também serve ao propósito de defender o ego de ansiedades, angústias e culpas:

“No desenvolvimento mental da criança (...) a fantasia cedo se converte também num meio de defesa contra as ansiedades, um meio de inibir e controlar os impulsos instintuais, assim como uma expressão dos desejos reparadores.”⁷

Freud parece entender a fantasia como expressão simbólica do desejo de retornar a um estágio originário de existência orgânica. A fantasia estaria ligada a um funcionamento mental tal qual o princípio de prazer desenvolvido por Freud, e permaneceria ligada à tendência de regredir para um estágio originário.⁸

⁶ ISAACS, S. A Natureza e a Função da Fantasia. In: *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984. p. 96.

⁷ Ibid. p. 96.

⁸ Retomaremos as noções desenvolvidas por Ferenczi na conclusão da dissertação.

*“ (...) o homem é dominado por uma tendência regressiva permanente que visa o restabelecimento da situação intra-uterina, e a ela se apega, obstinadamente, de um modo mágico-alucinatório(...) para que o sentido de realidade possa atingir seu pleno desenvolvimento, é preciso que o homem tenha renunciado(...) a esta regressão e lhe encontre um substituto no mundo da realidade.9...) o sono e os sonhos, a nossa vida sexual e as nossas fantasias, permanecem ligadas à tendência para realizar esse desejo primitivo.”*9

Nas obras de Sigmund Freud, a fantasia está fortemente vinculada à teoria das pulsões, como veremos ao longo das nossas investigações, mas não parece abrir mão da efetividade da realidade externa em sua origem. A fantasia de sedução, as fantasias típicas das várias fases libidinais do desenvolvimento da sexualidade, as fantasias filogenéticas (ou protofantasias), são exemplos do caminho que este conceito percorreu. Veremos esses movimentos no desenvolver desta dissertação.

Da sedução restrita à sedução generalizada

Para esclarecermos a origem da teoria freudiana, em que a fantasia aparece como conceito chave, desenvolveremos o capítulo I. Nele pretendemos seguir cronologicamente as reflexões freudianas para encontrar a etiologia das neuroses e, neste caminho, teremos que passar por conceitos e discussões que serão essenciais para a construção do campo psicanalítico.

Falaremos das noções de conflito, trauma, teoria da sedução e as primeiras noções de fantasia, com vistas a refletir sobre o movimento da construção da psicanálise e a acompanhar o desenvolvimento dessas noções. Desse modo, tornaremos patente nossa percepção de que essas noções nunca foram abandonadas plenamente, mas sofreram maior ou menor destaque, conforme a psicanálise foi se constituindo.

⁹ FERENCZI, S. (1873-1933). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Trad. Álvaro Cabral. Rev. técnica Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

O capítulo I tem como intenção esclarecer como os conceitos mais primitivos da teoriapsicanalítica aparecem nos textos freudianos desse o início. Dessa maneira podemos perceber o quanto essas primeiras noções organizadas e reorganizadas ao longo da teoria psicanalítica são importantes para a discussão da fantasia e da sedução.

O capítulo II se propõe a olhar mais diretamente para o conceito de fantasia que se formou a partir da carta de Freud, de 27 de setembro de 1987. A fantasia ganha, neste momento, lugar de maior destaque e parece até mesmo substituir a teoria da sedução, idéias muitas vezes defendidas por alguns psicanalistas.

Refletiremos sobre esta hipótese de uma passagem da teoria da sedução para a teoria da fantasia, questionando o significado dessa passagem como um movimento contínuo crescente ou como um “movimento espiralado”¹⁰. A possibilidade do abandono total do conceito de sedução não parece a opção mais coerente ao analisarmos os textos freudianos à luz das hipóteses desenvolvidas por Laplanche e por Monzani.

Segundo este autor:

“Houve abandonos temporários, sem a menor dúvida, como mostra o exame do problema da teoria da sedução, mas não abandonos definitivos. A primeira imagem que nos ocorre é a de um pensamento que avança por oscilações, ora enfatizando um aspecto, ora o seu contrário, que, porém, a longo prazo, acaba por integrar esses diferentes pólos.”¹¹

Ao investigarmos o desenvolvimento do conceito de fantasia no capítulo II, veremos que algumas noções implicadas na teoria da sedução continuarão influenciando de maneira importante o desenvolvimento da psicanálise. A investigação freudiana passa da procura das reminiscências para a descoberta das fantasias.

¹⁰ Idéia desenvolvida por Monzani em seu livro *Freud: o movimento de um pensamento*.

¹¹ MONZANI, op. cit., p.301-302.

Ainda no capítulo II trataremos de maneira sucinta sobre algumas hipóteses a respeito da origem destas fantasias e por que elas são vividas por várias pessoas, seguindo sempre um mesmo modelo. Como ponto de partida para essa discussão Freud resolve relacionar as fantasias às pulsões sexuais. Para tanto, escreve uma teoria sobre a sexualidade. A teoria sobre a sexualidade desenvolvida por Freud, inicialmente, mostra as várias possibilidades da sexualidade, traz a noção de sexualidade infantil, de satisfação autoerótica, etc. A sexualidade se desenvolveria em etapas desde a infância, e em cada etapa haveria uma maneira de obter satisfação. Por outro lado, a sexualidade deveria seguir um caminho de desenvolvimento com um objetivo determinado. A etapa da genitalidade seria a grau mais alto de maturidade das tendências sexuais e no desenvolvimento normal deveria ser a zona de maior satisfação. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se fala das várias possibilidades para obter a satisfação da pulsão sexual, fica determinado um caminho a ser percorrido. As fantasias estão relacionadas com estas etapas do desenvolvimento da pulsão sexual.

Aparentemente, após os *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, o conceito de sedução fica enfraquecido, já que a sedução restrita baseia-se em situações vividas no relacionamento entre adultos e crianças ou mesmo apenas entre crianças. Freud, porém, não nos parece convicto em abrir mão de algumas questões típicas da teoria da sedução, como a importância do contato do indivíduo com a realidade externa, a questão da temporalidade para a etiologia da histeria e a crença de que algo remoto da história do paciente guarda a verdadeira “chave” para compreender seus sintomas atuais. Sabemos que as fantasias, a partir do *Três Ensaios*, vincularam-se aos caminhos do desenvolvimento da sexualidade¹², entretanto ela também deveria ser vivida na relação com os sujeitos de sua realidade social.

¹² Como acredita Ferenczi em seu livro *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*.

O capítulo III pretende trabalhar ainda realizando uma discussão acerca dos conceitos de fantasia e sedução, aprofundando o estudo com base nos textos freudianos relativos às noções de realidade interna e realidade externa. Inicialmente, a questão do interno e do externo é investigada como a diferenciação realizada ainda na primeira infância.

Procurou-se na vivência do bebê as primeiras experiências relacionadas àquilo que se define como mundo externo e aquilo que é parte do seu estado interno, para reconhecermos o caminho esperado no qual o bebê deve percorrer até diferenciar seus desejos inconscientes da realidade que o cerca. Esse é um caminho possível para discutirmos, com base nos textos freudianos, sobre o conceito de externo e de interno.

Uma vez que é possível compreendermos que a noção de mundo interno está relacionada com o conceito de realidade psíquica e com o conceito de fantasia, fazem-se necessárias algumas observações a respeito do mundo externo. Para tanto, investigaremos, no livro *Totem e Tabu*, de Freud, uma realidade externa que carrega como importante característica a interdição da realização das fantasias inconscientes. Pensamos que a noção de mundo externo para Freud, em sua primeira tópica, tem como função crucial ser fonte de proibições para a manutenção de um estado de harmonia em sociedade.

No capítulo IV será realizada uma investigação acerca do lugar que a teoria da sedução ocupa no pensamento freudiano após a carta de 1897. Isto porque entendemos que algumas noções propostas logo no início da psicanálise, quando a teoria da sedução estava sendo elaborada, nunca foram efetivamente abandonadas. Nossa intenção é rever o lugar da sedução e, conseqüentemente, da fantasia na teoria psicanalítica freudiana.

Pretendemos também trabalhar com o conceito proposto por Laplanche, sobre uma teoria da sedução revisitada. Valendo-se de uma Teoria da Sedução Generalizada a questão da relação adulto-criança será reelaborada numa nova perspectiva, levando-se em consideração as

próprias idéias freudianas. Dessa maneira podemos abrir espaço para compreendermos o lugar crucial da fantasia, enquanto representante de mensagens inconscientes, com origem no interior da relação precoce entre a criança e a mente adulta. Nesse sentido, revela-se, então, desnecessário atribuímos a origem das fantasias no interior do desenvolvimento pulsional biologizante ou de uma realidade mítica filogenética.

Usando os textos de Freud procuraremos contribuir para a discussão sobre o conceito de fantasia através das implicações sobre sua origem e natureza. Acreditamos que a fantasia freudiana se encontra no vértice da discussão das noções de realidade interna e realidade externa.

Ainda, valendo-se dos estudos de Monzani¹³, é pertinente observar que:

“(...) percebemos (...), quando penetramos nesta complicada rede teórica que é o freudismo, um movimento espiralado, com a condição de se pensar essa imagem no espaço e cilíndricamente, onde as mesmas questões são abordadas, “esquecidas”, remontadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente...”

¹³ MONZANI, op. cit., p. 303.

Capítulo I

Da sedução à fantasia

Há, neste passo do trabalho, uma tentativa de compreender a origem do conceito de fantasia a partir do caminho já conhecido, ou seja, lembremo-nos da carta de Freud a Fliess, escrita em 21/09/1897. Nela, Freud revelou sua descrença nas teses que vinha formulando a respeito da etiologia das neuroses. A teoria da sedução deveria ser abandonada (pelo menos como era compreendida até aquele momento) e, juntamente com ela, a tese da vivência sexual traumática infantil, enquanto base para o desenvolvimento das neuroses.

Dessa forma, o neurótico não era mais aquele que sofria de suas próprias reminiscências. A tese sobre o registro de uma experiência vivida entre o sujeito e outras pessoas como fator traumático e desencadeador de uma neurose deveria ser revista. Freud deveria apresentar outro conceito que desse conta de explicar a origem dos sintomas neuróticos.

A partir da carta de 21 de setembro de 1897, a fantasia deixou de ser uma noção secundária das teses freudianas para explicar os fenômenos mentais e assumiu um lugar muito importante na teoria. Quando a fantasia passou a ser conceito fundamental para explicar a origem dos sintomas ela ganha status de realidade. A psicanálise delimita, então, um novo campo de conhecimento sobre a mente humana. E a fantasia passa a ser peça chave para a compreensão da etiologia das neuroses, ou seja, a neurose passa a ser compreendida como o resultado da encenação da fantasia reprimida.

Essa importante parte das formulações psicanalíticas, muitas vezes, é compreendida como marco fundamental de mudança de paradigma. Freud buscava a explicação para a histeria nas vivências dos pacientes, num olhar direcionado para a realidade externa, entretanto quando percebe a eficiência da fantasia para a histeria, inverte seu olhar para as vivências psíquicas

internas usando a noção de realidade psíquica.

A fantasia, muito mais que um marco de mudança, traz novas possibilidades para se compreender a histeria. Além disso, o conceito de fantasia não apareceu como um *insight* desprovido de relações com o que já estava sendo desenvolvido no desenrolar da teoria psicanalítica. O conceito de fantasia variou muitas vezes ao longo da teoria freudiana e só pôde ser compreendido ao seguirmos os caminhos de investigações e reflexões realizadas por Freud.

Para que sejamos capazes de compreender a origem do conceito de fantasia e, conseqüentemente, o novo campo psicanalítico que se abriu após a carta de 21/09/1897, é importante que revisitemos seus antecedentes teóricos. Neste caminho verificaremos como as noções de conflito, trauma e sedução são fundamentais para encontrarmos um conceito a respeito da fantasia.

Para tanto, escolhemos o caminho dos primeiros textos freudianos e de suas correspondências a Fliess, estudando-os cronologicamente. Pensamos que dessa forma poderemos acompanhar cuidadosamente o percurso realizado pelo próprio Freud para melhor compreendermos a origem desta intrincada rede de conceitos, até chegarmos à fantasia.

1.1 - Primeiros passos: o conflito

Inicialmente encontramos artigos de Freud referentes ao período em que trabalhou na França com o médico Charcot. Esses textos trazem as considerações sobre o trabalho realizado juntamente com Charcot, como o *Relatório Sobre Meus Estudos em Paris e Berlim* (1956[1886]), e algumas das suas primeiras formulações para descrever os sintomas histéricos e para encontrar um método que tornasse possível tratá-los, como os artigos *Histeria* (1888), *Artigos sobre Hipnotismo e Sugestão* (1888-1892). No entanto, é em 1892 com *Um Caso de Cura pelo Hipnotismo*, que Freud formula uma primeira teoria sobre a origem dos sintomas histéricos.

O texto, *Um caso de Cura pelo Hipnotismo*, inicia-se com a exposição de um caso clínico. Na tentativa de compreender o funcionamento mental, através do relato de sua paciente, Freud encontrou uma primeira concepção para a origem da histeria por meios da idéia de conflito. Esse artigo torna clara a importância atribuída aos relatos dos pacientes, pois era através da compreensão do conflito de suas idéias que Freud identificava uma possível origem dos sintomas histéricos. Ou seja, Freud compreendia a mente e sua interferência no funcionamento orgânico, baseando-se na noção de conflito entre duas idéias.

O conflito de que se falava neste artigo ocorria entre duas noções opostas. A primeira dizia respeito à vontade (ou expectativa), ou seja, idéias geradas em uma situação de expectativa de que algo ocorra, ou em uma situação de intenção de realizar algo. A segunda noção que Freud descreve diz respeito à contra-vontade, ou às idéias antitéticas, que são as idéias resultantes de um estado de incerteza quanto à realização das vontades (ou expectativas). O conflito ocorre entre as vontades e contra-vontades.

Para compreender ainda melhor, é necessário saber que quando estamos no campo da vontade, podemos encontrar duas concepções sobre idéias. A primeira concepção diz respeito a idéias representantes das intenções, o sujeito pretende realizar uma ação, assumindo uma posição ativa perante seu desejo. A segunda concepção refere-se às representações mentais das expectativas em que o sujeito espera que algo lhe ocorra, passivamente. Essas duas concepções de idéias formam cadeias associativas e podem ser identificadas, porque são conscientes. As cadeias associativas consciente representam aquilo que queremos, que esperamos, que pensamos, etc. Estas idéias são partes do que Freud descreveu como ego normal ou vida ideativa normal.

As intenções e expectativas confrontam-se com outras representações mentais vinculadas ao grau de incerteza sobre estas mesmas expectativas e intenções, e são denominadas como antitéticas ou como contra-vontade. No entanto, as idéias antitéticas são inibidas e não se

associam à cadeia associativa do ego, formam um grupo de idéias não conscientes. Essas representações mentais são descritas como um conjunto de idéias antitéticas aflitivas e não estão acessíveis à consciência; dessa maneira o paciente não reconhece sua contra-vontade. Para Freud as idéias antitéticas “são armazenadas e levam a vida insuspeita numa espécie de reino das sombras, até emergirem como maus espíritos e assumirem o controle do corpo, que, geralmente, está sob as ordens da predominante consciência do ego.”¹⁴

O conflito ocorre porque para cada intenção há uma idéia antitética vinculada, que representa a negativa da vontade expressa, ou ainda, para cada expectativa há uma contra-expectativa. Estas idéias antitéticas são detectadas no sujeito neurótico como uma tendência à depressão e à diminuição da autoconfiança, mas estão dissociadas da consciência. Nesse conflito as idéias antitéticas podem dar origem a um sintoma, quando conseguem se sobrepor às idéias do ego normal.

Dando continuidade à exposição, Freud afirma:

“Pode-se perguntar como sucede a idéia antitética adquirir supremacia em consequência da exaustão geral (que é o que constitui a disposição para o processo). Eu responderia apresentando a teoria de que a exaustão é apenas parcial. O que está exausto são os elementos do sistema nervoso que formam o fundamento material das idéias associadas com a consciência primária; as idéias que estão excluídas desta cadeia associativa – isto é, da cadeia de associações do ego normal –, as idéias inibidas e suprimida, não estão exaustas e, por conseguinte, predominam no momento da disposição para a histeria.”¹⁵

Para que as idéias antitéticas assumam o lugar das idéias conscientes, o paciente deveria estar num estado de exaustão. Estando sobrecarregado emocionalmente, as idéias associadas à

¹⁴ SB vol. I, p. 169. SE e AM vol. I.

¹⁵ SB vol. I, p. 167-68. SE e AM vol. I.

consciência primária ou a e “cadeia de associações do ego”¹⁶ devem ficar enfraquecidas. Nesse momento, as idéias antitéticas, que estavam inibidas, ganham força e passam a agir sobre o ego. O paciente começa a sofrer de sintomas que estão vinculados à contra-vontade. Ou seja, o paciente não consegue executar a sua vontade e passa a fazer o oposto do que pretendia.

Freud cita exemplos de casos clínicos em que a vontade do paciente é impotente e ele passa a sofrer pela “fraqueza da vontade”. Os sintomas são o resultado da força da contra-vontade que se objetiva no corpo, representando a perversão da vontade. Nesse sentido, o conflito entre a vontade e a contra-vontade é o núcleo dos sintomas histéricos e o método de tratamento idealizado é a hipnose.

A hipnose aparece como um método de tratamento, pois sua função é fortalecer a intenção consciente através das sugestões do médico. Desta maneira espera-se que as idéias do ego voltem a prevalecer sobre a contra-vontade.

Entretanto, Freud, ao mesmo tempo em que organiza esta tese no artigo de 1892, também avança quanto à outra hipótese sobre a origem dessas idéias. Encontramos, ao final de 1892, o Manuscrito A enviado a Fliess, e no início de 1893 os Manuscritos B e C, que mostram a preocupação de Freud quanto aos aspectos da sexualidade na origem dos conflitos histéricos, revelando forte intenção em atribuir às idéias de origem sexuais a maior parte das suas explicações para a neurastenia e a histeria.

Até 1892 encontramos como responsável pela origem de sintomas a explicação de um mecanismo sobre o conflito de idéias, que acarreta uma sintomatologia quando o paciente se vê numa situação em que suas idéias conscientes (vontade) não conseguem ser mais fortes dos que as idéias antitéticas (contra-vontade) que estão afastadas da consciência. Este estado depende do

¹⁶ SB vol. I, p. 168. SE e AM vol. I.

que o paciente está vivendo. Freud acreditava que a condição para as idéias antitéticas retornarem como “*maus espíritos*”¹⁷ e assumirem o controle do corpo, estava vinculada à situação de exaustão que as idéias do ego sofriam na sua relação com as vivências da realidade do paciente.

Outro artigo com o título “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”, que começou a ser escrito em 1888 (segundo a carta de 28/05/1888 a Fliess) merece atenção. Novamente percebemos o papel das idéias para a formação dos sintomas, mas há também a noção de representação e uma concepção decisiva sobre lesões funcionais e não anatômicas.

Freud começa o artigo explicando sobre a especificidade dos tipos de paralisias periférico-medular e das paralisias cerebrais. Depois o artigo lança luz sobre as características das paralisias que ocorrem nas histerias. Este tipo de paralisia, chamada de paralisia histérica, deve ser entendida como consequência de uma lesão funcional ou dinâmica, porque, além de se comportar de maneira peculiar em relação aos outros tipos de paralisias, não tem referência anatômica.

“(A histeria) toma os órgãos no sentido vulgar, popular, do nome que levam: a perna é a perna até a inserção da cintura e o braço é a extremidade superior, tal e como se desenha sob as roupas (...). Esta concepção não se funda em um conhecimento profundo da anatomia nervosa, senão em nossas percepções táteis, sobretudo visuais (...). A lesão da paralisia histérica será então uma alteração, por exemplo, da concepção da idéia de braço no fato de que a concepção do braço não pode entrar em associação com as outras idéias que constituem o eu do qual o corpo do indivíduo forma uma parte importante (...). Se a concepção de braço ligou-se a uma associação de grande valor afetivo ou de sua diminuição pelos meios psíquicos apropriados (...) toda a sua afinidade associativa está saturada numa associação subconsciente com a recordação do acontecimento traumático que produz esta paralisia. (...).

¹⁷ SB vol. I, p. 169. SE e AM vol. I.

*Cada impressão psíquica está provida de certa noção afetiva, ou pôr um trabalho psíquico associativo. Se o indivíduo não pode ou não quer por em prática esses meios, a recordação da impressão adquirirá a importância de um trauma e tornar-se-á a causa de sintomas permanentes de histeria.”*¹⁸

Esse artigo nos mostra que os sintomas se sustentam sobre idéias originadas de conhecimentos comuns e de percepções (principalmente as percepções visuais), que aparecem na mente como representações. As representações não se relacionam com o corpo anatômico, mas com a representação de corpo que cada indivíduo faz. Toda impressão psíquica tem uma quantidade de afeto que deve ser descarregada; entretanto, se a descarga não pode ser realizada, a representação das idéias torna-se traumática e mantém-se na mente de maneira subconsciente, manifestando-se como sintomas.

1.2 - A noção de trauma

Em 1893, encontramos outro artigo importante, “Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Hísticos”; posteriormente foi incorporado aos *Estudos sobre a Histeria* com o título de “Comunicação Preliminar”. Neste artigo Freud descreve uma dinâmica sobre o conflito ainda mais desenvolvido para a histeria, lembrando do percurso feito até esse momento e levando em consideração que todos os sintomas trazem uma carga simbólica e que a vivência do paciente tem papel fundamental para a formação dos sintomas:

*“Nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto-o trauma psíquico (...). Devemos presumir que o trauma psíquico- ou, mas precisamente, a lembrança do trauma- age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação (...)”*¹⁹

As reflexões sobre conflito abrem espaço para a noção de trauma. O trauma se afirma

¹⁸ SB, SE e AM vol I.

¹⁹ Op. cit.

quando a representação de uma vivência entra em conflito com a cadeia de idéias do ego. O paciente deve ter passado por uma situação em sua vida que não pode fazer parte das suas representações conscientes; desta forma a representação mental desta vivência é inibida, assim como compreendemos anteriormente a noção de contra-vontade. O mecanismo é muito parecido com o que encontramos na teoria sobre o conflito. Também aqui temos um conflito entre o ego e uma vivência traumática.

Qualquer vivência que pudesse evocar afetos aflitivos, como “susto, angústia, vergonha ou dor física” pode agir na mente como um trauma. Estão se considerando agora os aspectos da história do paciente como fator para compreender a etiologia da histeria. Além disso, Freud leva em consideração não apenas a intensidade dos afetos evocados pelas vivências, como também a qualidade dos afetos. Os afetos resultantes das vivências são internalizados como uma reminiscência, que atua na mente provocando os sintomas.

A metáfora do “corpo estranho” elucidada com clareza a maneira pela qual os afetos internalizados podem agir. Usando o modelo da medicina tradicional, assim como um vírus se mantém alojado no organismo e pode vir a causar doenças, as representações inibidas também se mantêm na mente e podem voltar à consciência pela via da sintomatologia.

Em 1894, no texto “As Neuropsicoses de Defesa”, encontramos a noção até agora descrita como trauma, mas é apresentada de maneira ainda mais desenvolvida. Além do trauma, a concepção de eu (ego) é apresentada como um sistema de representações articuladas que assume como função a defesa do organismo, afastando as representações incompatíveis:

“...houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa — isto é (...) seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição

entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento.”²⁰

Dessa forma encontramos uma teoria revista sobre o trauma psíquico que era compreendido como uma representação de uma vivência intolerável, combatida pelo eu. A representação desta vivência era inibida, formando um material retirado da consciência. Através desta atividade de repressão o eu procurava diminuir o impacto que o afeto ligado à representação intolerável causava. Ao retirar a reminiscência da vida consciente, separa-se a representação do seu afeto. Este afeto fica enfraquecido e se vincula a uma representação do ego (consciente); desta maneira a vivência traumática é esquecida.

“A tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como “non-arrivé”, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas uma realização aproximada da tarefa se dá quando o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto — a soma de excitação — do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma.”²¹

As representações inibidas irão formar um segundo material psíquico, o material reprimido. Como vimos, os afetos separados de suas representações originais irão se ligar a representações conscientes e o destino dos afetos irá definir o tipo de quadro clínico encontrado nas diversas patologias estudadas neste texto como as fobias e as obsessões.

“(…) Sei apenas que esse tipo de “esquecimento” não funcionou nos pacientes que analisei, mas levou as várias reações patológicas que produziram ou a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória. A capacidade de promover um desses estados — que estão todos ligados a uma divisão da consciência — através de um esforço voluntário desse tipo deve ser considerada como manifestação de

²⁰ SB vol. III, p.55. SE e AM vol. III.

²¹ Op. cit.

uma disposição patológica, embora esta não seja necessariamente idêntica à “degeneração” individual ou hereditária.”²²

Na histeria o afeto separado da representação traumática é transformado em excitação somática por meio da conversão. O afeto se liga à representação de uma parte do corpo e atua como uma excitação e, assim, encontramos os sintomas típicos da histeria como alguns tipos de paralisias ou outros transtornos funcionais do corpo. A conversão ocorre a partir de uma predisposição individual em que, após a divisão da consciência em conteúdos conscientes e inconscientes, os afetos resultantes devem se vincular às vias somáticas.

“Assim, vemos que o fator característico da histeria não é a divisão da consciência, mas a capacidade de conversão, e podemos aduzir, como parte importante da predisposição para a histeria — predisposição ainda desconhecida em outros aspectos —, uma aptidão psicofísica para transpor enormes somas de excitação para a inervação somática.”²³

Aqueles que não possuem essa predisposição para a conversão deverão fazer outros caminhos. O afeto da representação recalcada ocupará uma representação consciente fazendo um falso enlace. Como por exemplo, ao ligar-se a uma representação tolerável pelo eu, essa representação ficaria sobrecarregada de afeto e se manifestaria como idéias obsessivas.

No texto citado, Freud deixa claro que, a partir da sua experiência clínica, todas as vivências relatadas como fonte de desprazer têm origem na vida sexual. Isto porque as vivências de caráter sexual estão mais passíveis de serem inibidas, pois sofrem a repressão da moralidade social. Nesta época o que determina o alvo de conteúdos que devem ser reprimidos está estreitamente relacionado com a vontade consciente de esquecer algo vivido como imoral: “(...) a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente; ou seja, é

²² SB, SE e AM vol. III.

²³ SB vol. III, p.57. SE e AM vol. III.

promovida por um esforço de vontade cujo motivo pode ser especificado.”²⁴

Além disso, há a idéia de uma quantidade de energia que circula dentro do aparelho mental causando desprazer ou prazer. As representações conscientes estão carregadas de uma quantidade de energia (ou excitação psíquica) originada do afeto a ela vinculada. Esta energia deve ser descarregada do aparelho psíquico através da atividade do pensamento ou através da ação. A necessidade de diminuir as quantidades de excitação psíquica ocorre porque Freud compreende o aparelho psíquico segundo uma tendência a manter uma quantidade de excitação constante, com o mínimo de variações possível. O aumento das excitações dá a sensação de desprazer, enquanto a diminuição de excitação é compreendida como prazer.

*“Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo — uma carga de afeto ou soma de excitação — que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo.”*²⁵

O trauma psíquico pode ser compreendido primeiramente através do que temos estudado até o momento, ou seja, inicialmente ocorre a vivência de ordem sexual que causou um sentimento extremamente penoso, acompanhado de um aumento significativo de excitação mental. A vivência deve ter sido tão penosa que se torna intolerável ao eu e assim temos um conflito entre a vivência e as forças que querem reprimi-la. O eu não consegue lidar com a representação da vivência dolorosa, assim como faz com as representações originadas de outras fontes que não a sexual. O conflito só acabará quando o eu conseguir retirar da representação sua

²⁴ SB vol. III, p. 54. SE e AM vol. III.

²⁵ SB vol. III, p. 57. SE e AM vol. III.

carga afetiva e desta forma enfraquecê-la. Quando isto ocorre, a representação desinvestida de seu afeto constituirá um segundo grupo psíquico e estará impossibilitada de fazer parte de qualquer ligação com as representações da consciência. O afeto será a energia que se ligará a outra representação ou às fontes somáticas, ocasionando os sintomas típicos das neuroses obsessivas e da histeria, respectivamente. Ainda que isto ocorra, a representação inicialmente vinculada ao afeto guardará sempre uma relação simbólica com a representação reprimida.

1.3 - A descoberta da sedução através da clínica

Os anos de 1895 trouxeram novas descobertas e, deste modo, a necessidade de realizar as primeiras revisões sobre a questão do conflito e do trauma. A atividade clínica parece ser um campo importante para que as descobertas psicanalíticas possam ser testadas, como aparece nas cartas de Freud para Fliess.

“Extraio um imenso prazer do trabalho com as neuroses em minha clínica. Quase tudo se confirma cotidianamente, acrescentam-se coisas novas e me faz bem a certeza de que tenho nas mãos o cerne da questão.”²⁶

Alguns casos clínicos foram, enfim, publicados no livro *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. O livro trouxe também o texto escrito com Breuer, “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos” (1893), que foi introduzido como a “Comunicação Preliminar”. O conceito de trauma e conflito encontrados nos textos de 1895 aparece em uma nova dinâmica.

Notamos que a psicanálise vai se desenvolvendo no tecer de conceitos. Entretanto, a teia da teoria é sempre revista possibilitando, assim, que outras noções se juntem aos velhos conceitos e os atualizem.

Diante dos relatos clínicos e das novas descobertas teóricas reveladas nas cartas para

²⁶ CFF, 130.

Fliess, os textos de 1895 nos mostram que o efeito traumático não acontece necessariamente no momento em que a cena foi vivenciada, mas a representação da cena deve permanecer consciente e tornar-se traumática apenas *a posteriori*. O efeito traumático ocorre diante de um conflito que se apresenta e que acaba tornando a representação antiga uma representação traumática.

Encontramos uma descrição desse mecanismo no caso de Miss Lucy R.:

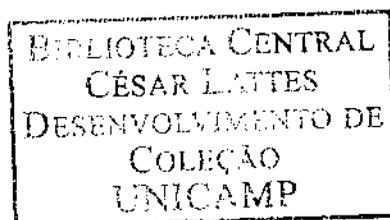
“O momento traumático real, portanto, é aquele em que a incompatibilidade se impõe sobre o eu e em que este último decide repudiar a idéia incompatível. Essa idéia não é aniquilada por tal repúdio, mas apenas recalçada para o inconsciente. Quando esse processo ocorre pela primeira vez, passa a existir um núcleo e centro de cristalização para a formação de um grupo psíquico divorciado do eu — um grupo em torno do qual tudo o que implicaria uma aceitação da idéia incompatível passa então a se reunir (...) Na história de nossa atual paciente, o momento traumático foi o da explosão do patrão contra ela porque as crianças foram beijadas pela senhora. Por algum tempo, contudo, essa cena não teve nenhum efeito manifesto. (...) Seus sintomas histéricos só começaram depois, em momentos que podem ser descritos como ‘auxiliares’.”²⁷

Dessa forma, Freud acreditou que o registro do trauma funcionava como um “corpo estranho” que se originou de uma vivência de caráter sexual, mas que não provocou nenhum transtorno no momento em que ocorreu. Ao invés disso, a representação desta vivência manteve-se recalçada ou inconsciente e só contribuiu para gerar sintoma num momento posterior.

Encontramos vários manuscritos do ano de 1896 que seguem esta linha de concepção da neurose. Os manuscritos estão em conformidade com o conteúdo dos textos publicados nesta época como “Observações adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa” e “A Etiologia da Histeria”.

Para entender a origem das neuroses, Freud propôs a investigação de duas vivências

²⁷ SB vol. III, p. 149. SE e AM vol. III.



traumáticas. A primeira condição para a neurose é a vivência de uma situação em que houve estimulação dos órgãos sexuais e, conseqüentemente, uma sensação de origem sexual que não pode ser compreendida e, dessa forma, é esquecida. No momento em que ocorreu a vivência ela não se consolidou psiquicamente como um trauma. Isto porque essa situação deve ocorrer numa idade prematura em que a criança ainda não possui sexualidade e, por isso, não é capaz de compreender o que de fato lhe ocorreu. A vivência da primeira cena sexual ocorre de maneira passiva e as sensações causadas na criança permanecem longe da consciência, ou seja, são recalçadas.

O segundo momento deve ocorrer numa fase posterior em que o indivíduo já desenvolveu sua sexualidade e vive uma nova situação. Esta outra vivência de caráter sexual deve contribuir para que as lembranças da vivência sexual prematura sejam acessadas. A volta da lembrança da primeira cena gera desprazer. O desprazer deve ser eliminado do aparelho psíquico em forma de sintomas.

Verificamos passagens significativas que nos esclarecem esta nova condição para a neurose. No texto de 1896, “Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa”, e na conferência de abril de 1896, “A Etiologia da Histeria”, encontramos, respectivamente, as seguintes passagens:

“O essencial nas primeiras objeções pode ser refutado ao se assinalar que não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual.”²⁸

“Aprendemos que nenhum sintoma histérico pode emergir de uma única experiência real, mas que, em todos os casos, a lembrança de experiências mais antigas despertadas em associação com ela atua na causação do sintoma. Se — como acredito — essa proposição se confirmar sem exceções, ela nos

²⁸ SB vol. III, p. 165. SE e AM vol. III.

mostrará, além disso, a base sobre a qual se deve construir uma teoria psicológica da histeria."²⁹

Freud organizou a experiência traumática em duas etapas. A primeira etapa ocorria antes mesmo que a criança pudesse compreender o que ocorria a ela. Antes que houvesse sexualidade, a criança havia passado por uma experiência passiva de abuso sexual. Ainda que no momento em que ocorreu a experiência a criança não a identificou como traumática, ela é esquecida, ou seja, ela é recolhida para as representações inconscientes. A segunda etapa do trauma ocorre quando a criança, já crescida e com sexualidade, volta a viver uma experiência de origem sexual que incita a lembrança da primeira vivência. Quando isso ocorre, a primeira vivência, ou a primeira cena, volta à consciência, carregada de afeto e é compreendida como traumática.

Além dos textos publicados, temos as cartas de Freud a Fliess e os rascunhos que eram anexados às cartas. Estes rascunhos trazem a dimensão do trabalho realizado por Freud nesse período do desenvolvimento da teoria.

No rascunho K, anexado à carta de 1^o de janeiro de 1896, temos a tentativa de sistematizar o mecanismo do trauma e compreender os sintomas das neuroses. Em termos gerais Freud descreve cinco pontos importantes para que possamos compreender a etiologia das neuroses.

“O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento, em geral, é sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e tem que ser recalçada; (2) seu recalçamento, em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança dela- e, ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário; (3) um estágio de defesa bem sucedida, que equivale à saúde, exceto pela existência dos sintomas primários; (4) o estágio em que as idéias recalçadas retornam e no qual, durante a luta entre elas e o ego, forma-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita; (5)

²⁹ SB vol. III, p. 194. SE e AM vol. III.

um estágio de adaptação de ser oprimido, ou de recuperação com deformação.”³⁰

O rascunho K traz o trabalho freudiano de especificar cada vez mais a natureza das neuroses como a neurose obsessiva, a paranóia e a histeria. Na histeria, Freud afirma que a primeira cena deve ter sido vivida passivamente, pela ”subjugação do ego”. Esta situação gera um alto nível de desprazer e o ego, sem condição de suportar esta carga de energia de origem sexual, irá atuar de maneira a recalcar a lembrança da vivência primeira. Como já foi dito, esta vivência deve retornar à consciência num outro momento e tornar-se traumática.

Entretanto, é oportuno lembrar que o sentimento de repulsa em relação às vivências é justificado pela repressão do ego porque ele sofre influências de aspectos morais. A influência de aspectos morais e, conseqüentemente, sociais é o que transforma a vivência sexual em algo indesejado. Freud ainda não tinha organizado uma teoria sobre a sexualidade, mas neste manuscrito a questão da influência do ambiente externo, ou seja das relações humanas, tem lugar privilegiado. A influência do mundo externo é percebida tanto porque é na relação com o externo que ocorrem as vivências, quanto porque o aspecto moral adotado por cada indivíduo origina-se nas noções éticas e morais de cada grupo social. Por essa razão as vivências sexuais assumem aspectos de sujas, imorais e sofrem o processo de repressão.

*“(...) a vergonha e a moralidade são as forças recaladoras, e (...) a região em que ficam naturalmente situados os órgãos sexuais deve, inevitavelmente, despertar repugnância durante as experiências sexuais.”*³¹

A carta de 30 de maio de 1896 apresenta um modelo bem definido sobre as vivências recalçadas. Aparece como uma teoria, que podemos determinar: a teoria da sedução. Isto porque Freud apresenta uma estrutura teórica que especifica a temporalidade e o poder traumático das

³⁰ CFF, 165.

³¹ CFF, 164.

vivências sexuais sofridas pelos pacientes em idade infantil.

A chave para compreender a doença psíquica está na vivência traumática de origem sexual. Uma vivência em que a criança sofreu passivamente o abuso de outra pessoa, que geralmente era identificado como um familiar próximo ou uma outra criança mais crescida. Nesse ponto da teoria, Freud propôs algo extremamente novo, um giro para o lado oposto ao que a medicina convencional considerava sobre as doenças como a histeria, a obsessão, a neurastenia e as fobias.

O critério de doença para a medicina do século XIX seguia a tradição organicista. A doença era compreendida como alterações anatômicas e/ou fisiológicas dos órgãos:

“ (...) a partir da revolução anatomo-patológica, impôs-se, como modelo explicativo para todas as especialidades médicas, existentes e por existir, o mais estrito organicismo. Não é apenas uma relação de causa e efeito que se estabelece entre a lesão e a doença, mas de identidade: a lesão é a doença.”³²

Na época a medicina estava desenvolvendo-se dentro de uma concepção que desqualificava qualquer tipo de entidade abstrata, em favor do método anátomo-clínico preconizado por Bichat. Seguindo os esclarecimentos sobre a tendência da medicina do século XIX, Simanke pontua:

“A fala do paciente, queixa subjetiva e desencaminhadora, é preterida em benefício do silêncio do cadáver. A medicina se dá um objeto adequado ao seu instrumento, às custas da subjetividade do paciente, considerando-o, a partir daí, como uma espécie de cadáver em potencial e, assim, potencialmente inerte, em sua objetividade ideal.”³³

Neste ponto é fácil perceber que o que Freud propunha não estava em consonância com

³² SIMANKE, R. T. op. cit., 24-25.

³³ Id. p. 22.

as idéias dos médicos de seu século. Entretanto, uma vez que a doença permanece fixada na realidade objetiva do corpo, a noção de normal e patológico distinguem-se pela razão da intensidade dos processos fisiológicos envolvidos. Nesta parte Freud usou, de maneira importante, as noções de seu tempo, uma vez que nunca abandonou a concepção quantitativa das relações entre o normal e o patológico.³⁴

Dentro desse quadro da medicina, a doença deveria ser estudada a partir das idéias sobre causalidade, ou seja, sobre a compreensão do processo de determinação das doenças, concentrando-se quase que exclusivamente na idéia de contágio ou de carência. O organismo doente é aquele que está acometido por um microorganismo, como um parasita ou por uma infecção. O doente pode também ser aquele que sofre pela falta de algo que o impede de exercer plenamente suas atividades, como no caso do raquitismo, anemia, etc. De qualquer maneira a doença era tratada da seguinte forma:

“(...). O que pode ser localizado pode, ao menos em princípio, ser objeto de uma ação eficiente. Quando esta noção não era o bastante para combater a doença, lançava-se mão das explicações baseadas na hereditariedade, ou ainda, algumas doenças passavam a ser chamadas de idiopáticas, essenciais ou inespecífica.”³⁵

No caso das doenças mentais as explicações para seu aparecimento recaíam invariavelmente na explicação da hereditariedade. Na verdade pouco interessava aos médicos caminhar neste terreno dos fenômenos mentais justamente pela sua imprecisão.³⁶

³⁴ Idéia amplamente desenvolvida em seu Projeto para uma Psicologia Científica (1895).

³⁵ RODRIGUEZ, A. e GASPARINI, A. Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via estresse e trabalho. In: *Psicossomática Hoje*.

³⁶ No texto de 1888, publicado em 1893, sobre as paralisias motoras de origem orgânicas e as paralisias histéricas - “Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas” - Freud nos mostra que as paralisias motoras de ordem histéricas não operavam de acordo com os mecanismos previstos pelas descobertas da anatomia cerebral. Desta maneira, os sintomas histéricos de paralisia não se comportavam como era esperado pela lógica da medicina. As paralisias histéricas não condiziam com as idéias de causa e efeito que norteavam os estudos médicos.

Por outro lado, Freud tomou a imprecisão dos fenômenos histéricos como pistas para o conhecimento do funcionamento mental. Resgatou a histeria de uma condição marginal em que só poderiam ser compreendidas como a fatalidade hereditária, ou inespecífica. Usou o estudo da formação dos sintomas para alcançar a compreensão do aparelho mental.

Para a comunidade científica da época esta nova proposta de estudar as doenças psiquiátricas através da investigação de eventos traumáticos não foi bem aceita. Na carta de 26 de abril de 1896, Freud se mostra bem descontente com a reação de seus colegas à apresentação de suas idéias sobre a histeria:

“Uma palestra sobre a etiologia da histeria, feita na Sociedade de Psiquiatria, teve uma recepção gélida por parte daqueles imbecis e recebeu uma estranha avaliação de Krafft-Ebing: ‘Parece um conto de fadas científico.’ (...)”

Apesar da insatisfação da comunidade científica, Freud não abandonou a tendência causalista em que se busca o agente responsável pelo sintoma. Na verdade, se os críticos do método freudiano do final do século XIX pudessem rever calmamente as idéias tachadas de “revolucionárias” perceberiam que a questão do agente externo como causa da doença permanece na teoria sobre a histeria. No entanto, assim como um vírus, a causa da doença é uma vivência possível de ser identificada em um trabalho analítico e a consequência dessa vivência traumática será expressa por um sintoma.

A teoria do trauma e a posterior consolidação da teoria da sedução possuem estrutura determinista, pois os sintomas são consequências de um agente patológico que invade o aparelho mental, causando a doença psíquica. De certa forma compreende-se a etiologia da neurose através da teoria da sedução assim como se compreende um sintoma somático (infecção) por algum

microorganismo.³⁷ Desta maneira a sedução mantinha a relação de realidade empírica, uma vivência de fato ocorrida e passível de ser recordada. Freud assentava suas descobertas da realidade observável, garantindo, assim, certa segurança quanto ao valor científico de suas descobertas.

1.4 - Sintoma: formação de compromisso

Na carta de 30 de maio e as nas cartas de 1896, encontramos um extenso trabalho de organização e reorganização de conceitos freudianos para compor a teoria da sedução. Freud tenta determinar a relação entre o tempo em que a primeira vivência traumática deve ter ocorrido para a compreensão do tipo da neurose desenvolvida. Assim, ele passa a dividir o período da infância e conceitua os tipos de neuroses, relacionando-as com o período em que deve ter ocorrido a primeira vivência de sedução. Lentamente, Freud segue organizando um esquema psíquico dividido em várias etapas.

O primeiro esquema está na carta de 30 de maio de 1896, já citada. Foi a primeira tentativa de solução para a questão da etiologia da neurose. Nesta carta Freud distinguiu quatro “*fases da vida*”.³⁸ A fase Ia., até os 4 anos; a fase Ib., até os 8 anos; a fase II, até os 14 anos; a fase III, até o final da vida. Entre as fases I-II e II-III têm-se as fases A e B determinadas como períodos de transição. Temos um modelo de organização do aparelho psíquico de forma cronológica. Cada vivência é registrada na fase correspondente ao período em que ocorreu e quando a criança alcança uma nova fase da vida os registros anteriores são traduzidos.

Quando o indivíduo evoca, posteriormente, uma lembrança sexual, ele acessa registros

³⁷ Vimos, anteriormente, que Freud usa até mesmo a metáfora do “corpo estranho” que permanece alojado como um microorganismo na mente e é responsável pelo desenvolvimento da neurose. A reminiscência era tratada por Freud como um agente patológico tal qual um vírus.

³⁸ CFF, 188.

recaídos que, juntamente com a vivência atual, irão desencadear um excesso de sexualidade. Este excesso de energia sexual não pode mais seguir o caminho do recalçamento. O excesso de energia psíquica e a força com que a defesa do ego atua sobre a vivência sexual, ambos, serão responsáveis pela origem dos sintomas. Além disso, os sintomas desenvolvidos serão diferentes à medida que evocarem lembranças de etapas diferentes, como por exemplo:

“(...) as cenas da histeria recaem na primeira fase da infância (até 4 anos), na qual os resíduos mnêmicos não se traduzem em imagens verbais.(...) O resultado é sempre a histeria, e em sua forma de conversão, pois a atuação conjunta com a defesa e o excesso de sexualidade impede a tradução.”³⁹

Pela primeira vez Freud fala que o sintoma é resultado de formação de compromisso entre as forças inibidoras do ego e o desejo de aliviar este excesso de energia por vias mais diretas, sem a interferência dos processos inibidores:

“Os sintomas são, quase todos, formações de compromisso. É preciso fazer uma distinção fundamental entre os processos psíquicos não-inibidos e os inibidos pelo pensamento. É no conflito entre esses dois que surgem os sintomas, como compromissos através dos quais se abre o acesso à consciência.”⁴⁰

As formulações sobre a sedução acabam trazendo especulações sobre o modelo de mente em que tudo ocorre. Freud apresenta um modelo de aparelho psíquico que é concebido como um conjunto de sistemas de memórias, sobrepostos através do tempo. Cada sistema de memória apresenta uma organização própria e, com o passar do tempo, cada memória deverá ser transcrita para um novo modelo de memória referente à época em que o sujeito está vivendo. Cada tradução produz, então, uma redistribuição de sentido nas representações das memórias. Na passagem de um sistema de memória para outro deveria haver a tradução completa dos conteúdos

³⁹ CFF, 189.

⁴⁰ CFF, 190.

psíquicos, mas isso nem sempre ocorre.

A tradução pode falhar principalmente na puberdade, isto porque a excitação sexual somática não consegue ser plenamente representada no psiquismo e gera angústia. O excesso de sexualidade juntamente com a defesa do ego levam à repressão.

Na carta de 06 de dezembro de 1896 encontramos a noção de aparelho psíquico ainda mais organizada. A estratificação em fases está mais fundamentada e oferece novas divisões para os registros dos traços mnêmicos: a percepção (W- Wahrnehmungen), a indicação da percepção (Wz- Wahrnehmungszeichen), a inconsciência (Ub- Unbewusstsein) e a pré-consciência (VB- Vorbewusstsein).

“Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas (...) uma falha na tradução- eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer, que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho da tradução. Dentro de uma mesma fase psíquica e entre registros da mesma espécie, uma defesa normal se faz sentir graças à geração de desprazer. Mas a defesa patológica só ocorre contra traços mnêmicos de uma fase anterior que ainda não tenham sido traduzidos.”⁴¹

A falha na tradução (repressão) recai sobre as representações sexuais porque elas geram prazer. Diferentemente do que compreendíamos anteriormente, as vivências sexuais são reprimidas não porque geram desprazer, mas porque geram uma quantidade de prazer que tende a se repetir. As vivências sexuais geram prazer e este prazer produz uma compulsão impossível de inibir. Na fase seguinte, o registro atuará como se fosse atual e será acompanhado pela compulsão. O desprazer só ocorre depois, quando a liberação de energia gerada pela vivência, que não foi traduzida, estimula o ego a promover a repressão. Dessa forma identificamos duas

⁴¹ CFF, 209.

etapas diferentes: a primeira em que a vivência libera prazer e não pode ser inibida; e a segunda em que a representação desta vivência não pode ser traduzida e acaba acarretando desprazer, dando início aos processos de repressão que, como sabemos, desencadeiam os sintomas.

Compreendemos, então, que, ainda que uma vivência sexual possa despertar prazer no momento em que ocorreu, posteriormente sua representação também pode causar desprazer. Isso pode ocorrer porque os sistemas psíquicos são organizados distintamente e estão em conflito entre si; pode-se conceber então que o que é prazer para um sistema pode vir a ser desprazer para outro sistema. Continuamos neste sentido para compreender ainda mais a concepção de sintoma:

“O ataque histérico não é uma descarga, e sim uma ação, e preserva a característica original de todas as ações, a de ser um meio de reprodução de prazer (...) Assim, os pacientes a quem foi feita alguma coisa sexual durante o sono tem ataques de sono. Adormecem novamente a fim de experimentar a mesma coisa, e amiúde provocam desmaios histéricos desta maneira(...). Todos os ataques de tonturas e acessos de choro visam a uma outra pessoa - mas, basicamente, visam àquela outra pessoa pré-histórica e inesquecível, que jamais é igualada por ninguém posteriormente.”⁴²

Considerando esta passagem é possível perceber que o sintoma histérico é uma dramatização dirigida a uma pessoa desejada. Vemos o início de um modelo de amor infantil, ainda que nada se tenha dito sobre a sexualidade infantil. Freud deixa espaço para outro tipo de vivência de prazer que não apenas a satisfação da fome, mas um prazer vivido na relação com a figura sexualmente sedutora.

1.5 - As primeiras noções de fantasia

Na carta de 06 de abril de 1897, Freud declara a Fliess ter descoberto um elemento importante para a solução da histeria, mas que até o momento fora deixada em segundo plano:

⁴² CFF, 213.

“O aspecto que me escapou na solução da histeria reside na descoberta de uma fonte diferente, da qual emerge um novo elemento da produção do inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias históricas, que, tal como as vejo, remontam sistematicamente a coisa que as crianças entreouvem em idade precoce e só compreendem numa ocasião posterior.”⁴³

Apesar de Freud não abrir mão da pesquisa de fatos traumáticos, ao adotar a possibilidade da fantasia, ele se aproxima da noção de uma realidade psíquica. Na verdade a fantasia surge neste momento de maneira bem similar aos registro de uma cena traumática, mas agora já não é necessário que um abuso sexual de fato tenha ocorrido. A origem das fantasias de que Freud nos fala está naquilo que foi ouvido e não algo que de fato ocorreu.

No rascunho L, anexo à carta de 02 de maio de 1897, encontram-se mais menções sobre a fantasia, um pouco mais desenvolvida:

“O objetivo parece ser alcançar as cenas (sexuais) mais primitivas. Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las. São fabricadas por meio de coisas ouvidas e das usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa.”⁴⁴

No rascunho M , anexo à carta de 25 de maio de 1897, Freud gradativamente aproxima a fantasia das recordações na dinâmica psíquica. O trabalho analítico deve aprofundar-se em direção ao nódulo patogênico através de fantasia que se dispõe em ordem crescente de resistência. A fantasia, ao chegar à consciência, pode ser reprimida, atuando assim como as recordações reprimidas e também dando origem a sintomas.

⁴³ CFF, 235.

⁴⁴ CFF, 241.

“(…) Em lugar deles (dos sintomas mnêmicos), acham-se presentes ficções inconscientes que não estão sujeitas à defesa. Quando, nestas circunstâncias, a intensidade de uma dessas fantasias aumenta a tal ponto que ela é obrigada a forçar sua entrada na consciência, a fantasia é submetida ao recalçamento e um sintoma é gerado(…)”⁴⁵

Freud parece debruçar-se sobre a noção de fantasia e as implicações que ela acarretava para a teoria da sedução. Na carta de 07 de julho de 1897, Freud encontra-se com uma questão decisiva para a manutenção da teoria da sedução, ou seja, se a fantasia pode ser submetida aos mesmos processos que os traços mnêmicos na dinâmica psíquica (inclusive nos processos repressivos e de formação de sintoma), como pode ser possível diferenciar um registro de recordação de uma fantasia?

O próximo passo será a carta de 21 de setembro de 1897, em que Freud assume o abandono da sua teoria da sedução. Notamos que não havia outro caminho, visto o desenvolvimento que as reflexões de Freud vinham assumindo: não era possível diferenciar as representações de fantasia das representações de vivências. O evento diluía-se em sucessivos desvios de fantasia e já não era possível encontrar uma cena primeira.

“E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontado lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica.”⁴⁶, texto já citado mas pertinente para reinterar a posição de Freud nesse momento.

Freud cita claramente alguns argumentos para sua descrença na teoria das neuroses:

1- O fracasso clínico: Freud não conseguia levar seus tratamentos até o fim e por isso levantou duas hipóteses importantes. A primeira era que seria impossível apreender em sua totalidade o núcleo patogênico. A outra era que as cenas descobertas em análise e relatadas

⁴⁵ CFF, 248.

⁴⁶ CFF, 265.

realmente não serviam para cessar os sintomas. Uma dessas hipóteses devia explicar o fracasso clínico dos casos analisados por Freud, mas de qualquer maneira eles mostravam que o caminho deveria ser revisto.

2- Incompatibilidade entre a quantidade de perversos e neuróticos: A teoria da sedução levaria a supor que os adultos perversos, que abusavam sexualmente das crianças, deveriam representar um número próximo à quantidade de neuróticos, mas isto não se verificava na prática clínica. Dessa maneira Freud começa a supor que a fonte das cenas sexuais relatadas deve se encontrar nas fantasias e não nos acontecimentos.

Dessa hipótese surge um fato importante: Afinal qual a origem das fantasias?

“(...) Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual prende-se invariavelmente ao tema dos pais (...) Mais uma vez parece discutível que somente as vivências posteriores dêem ímpeto às fantasias, que / então/ remontariam à infância, e, com isso, o fator da disposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo em prol do esclarecimento das neuroses.”⁴⁷

Percebemos que, nesse momento, Freud parece recuar da questão hereditária para explicar as origens da fantasia, mas este não será o único caminho para justificar as fantasia.

3- O conceito de inconsciente: O inconsciente surge como um conceito forte e, entre suas características, está à inexistência de um índice de realidade que permita distinguir uma recordação de uma fantasia. É o início da noção de uma realidade que não estava baseada nos eventos ocorridos na vida em sociedade, mas uma realidade íntima e pessoal, a realidade psíquica.

4- Nem mesmo nos delírios dos psicóticos era possível ter acesso às cenas traumáticas, ou seja, o núcleo da patologia nunca é alcançado e o inconsciente nunca supera a resistência da

⁴⁷ CFE, 266.

consciência.

O conceito de fantasia ocupa a função antes atribuída às vivências e assim Freud acaba transitando do campo seguro, do índice da realidade, para um novo campo de conhecimento. A partir desse momento o campo psicanalítico começa a ser delimitado com mais clareza e alguns conceitos já tratados, como o inconsciente, irão servir para a construção da psicanálise.

A fantasia, no entanto, fica no meio do conflito freudiano entre assumir a importância dos aspectos constitucionais e hereditários e, dessa forma, novamente explicar o que não pode ser compreendido como fruto de um transtorno inespecífico ou encontrar as explicações para a origem das fantasias, fazendo investigações das relações emocionais vividas no contato com os outros.

Capítulo II

A fantasia

A fantasia é um dos principais representantes da vida pulsional, pois cada fantasia encena um desejo. Desse modo, para que possamos entrar em contato com o mundo interno - pulsional- descrito por Freud, a vertente da fantasia é muito eficaz. As suas várias determinações de fantasia ao longo da obra implicam, também, as várias determinações de funcionamento mental e subjetividade. É preciso conhecer o conceito de fantasia e suas implicações para a psicanálise desde sua origem.

A fantasia é um conceito que se impõe à teoria psicanalítica como uma das ferramentas fundamentais para a sua construção. A psicanálise nasceu como uma pesquisa na qual a prática clínica foi o campo de estudos dos fenômenos psíquicos, surgindo uma nova ciência que lançou luz à psicologia humana.

Como foi estudado minuciosamente no capítulo anterior, sabemos que o esforço de Freud seguiu no sentido de oferecer uma nova perspectiva teórica que desse conta de compreender e trabalhar clinicamente com os casos de histeria. Contrariou algumas tendências científicas do campo da medicina do século XIX em que os casos de transtornos psíquicos eram compreendidos como transtornos de ordem hereditária que pouco poderiam ser tratados, como no caso da histeria.

Freud sugeriu deslocar a importância dada à hereditariedade na etiologia das doenças mentais à sua historicidade. Dessa maneira, cabia ao médico investigar, através do contato com o paciente, o que poderia ter ocorrido na sua história de vida para que ele adoecesse.

Freud perseguiu a razão pela qual o sujeito adoecera e acabou encontrando um campo imenso de conteúdos humanos que ganharam significados por meio da escuta psicanalítica. Os

relatos dos pacientes expressavam seus pensamentos, sentimentos, sensações e tudo o que envolvia o funcionamento de uma estrutura mental com mecanismos e peculiaridades, a qual Freud dedicou-se a estudar.

A psicopatologia foi o primeiro objeto de estudo na pesquisa psicanalítica, a partir dos estudos de Freud sobre histeria. A partir do modelo da patologia foi possível descrever os primeiros conceitos sobre o funcionamento psíquico. À época⁴⁸ Freud começou a descrever o afeto como causa para a eclosão da doença. Assim, tanto a vivência de uma situação da realidade externa, quanto as vivências internas (subjetivas) relacionadas aos sentimentos que o paciente experienciava no contato com a realidade, passam a obter um importante papel nos estudos científicos da psicanálise.

Este é um aspecto importante no tema deste trabalho, porque a ênfase dada por Freud a vivências internas na etiologia das doenças não excluía a importância das percepções e impressões vividas no contato com o ambiente e com os outros. Estando atentos a esse vértice, encontramos o importante trabalho de Monzani com o texto, “*A ‘fantasia’ freudiana*”. Ele afirma que Freud manteve sempre o par “constituição/impressão” na sua explicação sobre a etiologia das neuroses.

O fator constitucional inclina-se sobre a questão da hereditariedade e as constituições orgânicas, enquanto a impressão remete às vivências resultantes do contato com outras pessoas. Freud, no início do desenvolvimento da teoria psicanalítica, mantém-se inclinado a estudar outras possibilidades para a etiologia das neuroses que não fossem apenas o fator hereditário defendido pela psiquiatria clássica.

Como vimos no capítulo anterior, Freud atribuiu grande peso para certas vivências e

⁴⁸ Nos anos de 1893-95, Freud, juntamente com Breuer, escrevem o significativo livro sobre suas pesquisas no campo clínico das psicopatologias, Estudos Sobre a Histeria.

impressões da experiência vivida na relação com a realidade externa no que diz respeito às vivências sexuais.

2.1 - O aparecimento da fantasia e suas implicações

A teoria do trauma a qual, com o desenvolvimento da pesquisa psicanalítica ganha contornos e constitui-se na teoria da sedução, defendia os relatos trazidos pelos pacientes como vivências que realmente haviam ocorrido no passado. Ou seja, acreditava-se que tivesse havido um episódio verdadeiro e concreto em que a criança fora seduzida por um adulto e essa situação foi guardada em sua mente e revivida posteriormente quando a criança crescida (adulta) entrava em contato com uma outra experiência que a fizesse lembrar o trauma da sedução.

Num primeiro momento, Freud acreditava que a experiência traumática era uma cena enraizada na realidade. A realidade de que se fala é a realidade material, dos acontecimentos. Havia a compreensão de que todo o sentimento estava ligado a uma idéia inconsciente sobre aquilo que o paciente viveu de fato no passado e se manteve na mente. A fantasia, quando identificada por Freud na análise, era compreendida enquanto oposição à realidade, uma invenção. Na carta de Freud escrita à Wilhelm Fliess em 2 de maio de 1897, há menções ao que Freud denominava de fantasias histéricas (fantasias observadas nos seus estudos com pacientes histéricas), cuja finalidade era encobrir a cena sexual traumática: “...as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações.”⁴⁹

Antes mesmo desta carta, em 1896, no livro *A etiologia da Histeria*, Freud pensava que, ao fantasiar, o paciente estava falsificando a teoria. Contava com as situações vividas com os pacientes como argumentos. O trabalho analítico de tornar conscientes as vivências sexuais traumáticas da infância desencadeava reações de espanto naqueles que recordavam o ocorrido e ,

⁴⁹ CFF, 241.

dessa forma, provavam a validade e fidedignidade da sua teoria. Esse argumento é criticado pelo próprio Freud em uma nota acrescentada em 1924:

“... Deve considerar-se que naquela época, entretanto, eu não havia me livrado da superestimação da realidade e do menosprezo pela fantasia.”⁵⁰

Em 1897, na correspondência a Fliess (carta 69), Freud passa a questionar quão real eram os relatos de seus pacientes sobre a sedução. Acreditar na hipótese de uma quantidade imensa de adultos sedutores, que desenvolviam interesse num relacionamento sexualizado com crianças, era acreditar que o grande desvio patológico existente naquela época era a perversão e Freud dispensava essa possibilidade. Além disso, nesta etapa da teoria psicanalítica, há o início da noção de inconsciente enquanto uma instância do aparelho psíquico na qual não é possível distinguir a realidade e a fantasia: *“...não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto.”⁵¹*

A teoria da fantasia se impõe a Freud como a única saída plausível perante as evidências constatadas na clínica e no próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica. Ao aceitar a fantasia, a teoria da sedução é substituída e abre espaço para a investigação de importantes fenômenos psíquicos e para o desenvolvimento da teoria da sexualidade infantil. Após a carta de 1897 e a conseqüente adoção da fantasia, Freud pôde desenvolver conceitos importantes para a psicanálise, bem como textos essenciais como *A interpretação de Sonhos* (1900) e *Três Ensaios sobre Sexualidade* (1905).

A fantasia, neste primeiro momento, era adotada por Freud como a expressão do desejo de sedução. Ou seja, a fantasia era a expressão dos fatores internos constitucionais que desencadeavam a sintomatologia das neuroses de histeria. Esse primeiro conceito de fantasia

⁵⁰ AM vol. III, p. 203. SB e SE vol. III.

⁵¹ CFF, 265.

remete a teoria psicanalítica àquilo que ela pretendia combater, o determinismo organicista da medicina do século XIX. Nesse momento a fantasia delega ao segundo plano os fatores externos e a equação “constituição/impressão” entra em profundo desequilíbrio. Monzani, em seu livro *Freud: o Movimento de um pensamento*, destaca um trecho interessante da Carta 69 escrita por Freud a Fliess:

“Parece que novamente se tornou discutível se são somente experiências posteriores que estimulam as fantasias, que então retornam à infância; e, com isso, o fator de uma disposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de excluí-lo - com a intenção de elucidar amplamente a neurose.”⁵²

Antes mesmo de 1897 os fatores internos ganharam importância primordial tanto para a formação das fantasias, quando para a gênese dos fenômenos psicopatológicos. A partir de 1897, com a teoria das fantasias, Freud pôde articular os conceitos e desenvolver as primeiras noções de sexualidade infantil. Freud estava convencido da importância da natureza psicosexual na construção do sintoma. No período, os fatores internos remetiam à constituição de caráter sexual, endógeno. A sexualidade tinha seu caminho preestabelecido a percorrer.

2.2 - A pulsão e a fantasia

O primeiro movimento do pensamento freudiano em relação aos conceitos de sedução e fantasia ocorreu a partir da carta 69 endereçada a Fliess em 1897. Sabemos muito bem o conteúdo desta carta -estudado no capítulo I desta dissertação - em que Freud percebe a importância da fantasia e quanto essa descoberta contribuiu para o aparecimento de outros conceitos como o de realidade psíquica, sexualidade infantil, etc.

Entretanto esta mudança não trouxe apenas facilidade para a psicanálise. A teoria da

⁵² CFF, 266.

sedução não deve ser entendida como uma obstrução para os caminhos do desenvolvimento da psicanálise, pois, ao minimizá-la, percebemos outros problemas. Uma das importantes implicações desta mudança é que o conceito central para compreender a formação da personalidade, o Complexo de Édipo, perdeu espaço na teoria da sexualidade neste primeiro momento. Veremos com cautela a questão, no capítulo *Sedução e Fantasia*, baseando-nos nos escritos de Monzani em 1989.⁵³

O autor nos solicita para um minucioso estudo sobre o livro *Três Ensaios sobre a Sexualidade, de Freud* (1905). O livro, escrito logo após a publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900) e caso clínico de Dora, *Fragmentos da Análise de um caso de Histeria* (1905[1901]), já traz a idéia clara de que aquilo que se pesquisa na história clínica são as fantasias inconscientes. As fantasias, nesse momento da obra freudiana, ocupam o lugar que era atribuído à cena traumática na etiologia da histeria.

O conceito de fantasia apoiou-se ao conceito de pulsão sexual. Inicialmente a fantasia é compreendida como o representante desta pulsão e deve ser estudada seguindo o movimento do desenvolvimento da libido. No livro *Três Ensaios Sobre A Sexualidade*, Freud apresenta suas concepções sobre a sexualidade, mas, alertados por Monzani, verificamos que o complexo de Édipo aparece apenas como um conceito marginal na explicação do desenvolvimento da libido e este é um importante indício dos problemas que o conceito de fantasia, vinculado ao da pulsão, deve trazer. O Complexo de Édipo trata de uma fantasia baseada na relação entre objetos de amor que não fazem parte dos objetos autoeróticos discutidos nos *Três Ensaios*, ou seja, a fantasia edípica guarda uma característica relacional que se aproxima muito mais do conceito de sedução.

No livro *Três Ensaios Sobre A Sexualidade*, Freud nos apresenta sua teoria sobre a

⁵³ MONZANI, L.R. op. cit.

pulsão sexual e seu desenvolvimento desde a infância. Freud considera que a pulsão sexual tem como única finalidade a obtenção de prazer. Na infância, seria do tipo perverso polimorfa, ou seja, possuiria diversas formas e fontes, podendo satisfazer-se diretamente em descargas específicas, sem necessidade de um objeto externo, e seria auto-erótica. Durante o livro percebemos que a sexualidade é organizada por fases de evolução da libido; a pulsão sexual busca prazeres parciais em que aquele que deseja encontra sua satisfação no próprio corpo. Mas as pulsões fragmentadas irão organizar-se em torno da genitalidade, o que deve ocorrer sob a influência de uma tendência interna que funcionaria como uma repressão biológica. Dessa maneira alguns impulsos seriam autorizados a expressar-se, enquanto outros teriam sua intensidade diminuída, ou seja, as pulsões ligadas às zonas genitais em detrimento das demais zonas erógenas.

Vimos no primeiro ensaio uma detalhada discussão sobre a perversão usando conceito da psiquiatria tradicional e trazendo novas concepções, numa tentativa de desvincular a pulsão sexual de um objeto já determinado, como era entendido até aquele momento:

“Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões. É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares.(...) Aí estão, portanto, fatores que permitem ligar as perversões à vida sexual normal e que também são aplicáveis à classificação delas. As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a

*caminho do alvo sexual final.*⁵⁴

Freud alarga a noção de sexualidade quando aproxima a atividade sexual dos perversos à dos indivíduos normais. A sexualidade entendida por Krafft-Ebbing, Moll e Havelock (autores citados por Freud nesse primeiro ensaio) correspondia a um instinto natural, orientado para a reprodução. Nessa concepção não havia sexualidade infantil, nem senil; além disso, todo prazer que não se prestava ao coito heterossexual era tratado como perversão.

Segundo Garcia-Roza, em *Acaso e Repetição Em Psicanálise* (1986) podemos observar o seguinte:

“Freud expõe o ponto de vista da ciência da época sobre a sexualidade não para utilizá-lo como ponto de partida teórico, mas para procedera a uma gentil desmontagem que o desqualifica para a psicanálise.(...) Freud insiste no fato de que a sexualidade humana é, em si mesma, aberrante: aberrante em relação à função biológica da reprodução.”

Garcia-Roza esclarece ainda: “O que a pulsão sexual visa não é a reprodução, mas a satisfação”.

Neste primeiro ensaio, Freud traz novas maneiras de compreender a sexualidade humana por meio do conceito de pulsão sexual. Este é o primeiro texto em que encontramos uma tentativa organizada de compreender o conceito de pulsão:

“(...) Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o psíquico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades

⁵⁴ SB vol. VII, p.141-142. SE e AM vol. VII.

*específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos.*⁵⁵

O trecho sobre pulsão suscita muitas questões sobre o conceito. Afinal, a explicação para a pulsão diz respeito a um conceito situado entre o mental e somático, representante psíquico de estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente. Ao analisarmos o primeiro ensaio sobre a sexualidade, vimos o esforço freudiano em diferenciar o conceito de pulsão do conceito de instinto sexual, numa tentativa de não submeter o caminho da pulsão à pré-determinação da biologia.

A pulsão sexual é compreendida como o resultante da reunião das pulsões parciais. As pulsões parciais têm fontes e objetos diferentes para alcançar a satisfação. As fontes das pulsões sexuais são denominadas por Freud como zonas erógenas e freqüentemente essas zonas são enfatizadas nas zonas oral e anal.

A questão da ênfase em certas zonas erógenas específicas, como a zona oral e anal, coloca em risco nossa compreensão de que a pulsão não sofre a influência de uma pré-determinação. Garcia-Roza nos ajuda a compreender essa difícil passagem do primeiro ensaio:

*“A ênfase concedida à boca e ao ânus como zonas erógenas nos conduz novamente à hipótese de uma determinação biológico-anatômica para as pulsões. No entanto, em nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud nos diz que após refletir mais foi levado a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos, o que significa que nenhum órgão em particular, assim como nenhuma parte específica da superfície corporal, detém exclusividade do que é sexual.”*⁵⁶

Ainda no primeiro ensaio sobre a sexualidade, Freud explica que a pulsão parcial pode ser verificada quando o lactante mantém a atividade de sugar mesmo que sua fome já esteja satisfeita. O instinto de alimentação é a base para a experiência de prazer, ou seja, a pulsão, que

⁵⁵ SB vol. VII, p.159. SE e AM vol. VII.

⁵⁶ GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. p. 15.

busca reviver a experiência de satisfação, tem como base a experiência de autopreservação (alimentação).

Por isso muitas vezes é difícil compreendermos a relação entre o instinto e pulsão, principalmente se seguirmos a tradução de James Strachey, que justamente trocou o termo alemão *Trieb* para o inglês *Instinct*. Mas devemos continuar nossa tarefa de compreender o conceito de pulsão apresentado no primeiro ensaio. Seguimos as reflexões de Garcia-Roza que nos ajuda a compreender esta relação entre o instinto e a pulsão através da noção de apoio: “A relação da pulsão (*Trieb*) com o instinto (*Instinkt*) é descrito por Freud através do termo *Anlehnung* (apoio). A pulsão se apoia no instinto não para confundir-se com ele, mas para desviar-se dela. A pulsão é fundamentalmente uma perversão do instinto.”

Entendemos que a pulsão é uma perversão do instinto, porque ela desvia-se do objetivo natural da espécie humana de autoconservação. A pulsão sexual tem como objetivo principal a obtenção de prazer e desta forma distingue-se plenamente do instinto. A origem da pulsão está no estímulo que ocorre a uma parte do corpo (fonte) e a pulsão só se faz presente através de seus representantes psíquicos.

Para Laplanche (1993) “o risco de desvio a partir do abandono da teoria da sedução se chama instinto”, ou seja, após o aparente abandono da teoria da sedução Freud poderia caminhar para a valorização dos aspectos constitucionais e hereditários para a compreensão da sexualidade. Vejamos: “Com *Trieb*, a ênfase recai sobre o impulso quase cego, demoníaco, procurando mais a satisfação do que um fim preestabelecido. No conjunto da língua alemã, encontram-se esses pares de palavras, uma de origem latina, *Instinkt*, (...) e outra, *Trieb*, de origem germânica (...) cabe ao uso da língua e principalmente ao uso do autor, estabelecer ou não entre estas palavras uma

diferenciação."⁵⁷

Para Freud era claro que existia uma diferenciação importante sobre a questão da pulsão e do instinto. Segundo Laplanche o instinto deve ser compreendido como "um esquema de comportamento que se caracteriza por três pontos (...). Estes três elementos (que podem ser encontrados nos principais textos freudianos que tratam de instinto), adaptação, esquema fixo e hereditariedade, concordam perfeitamente com as descrições modernas (...)"

A possibilidade de atribuir à sexualidade um caráter biologizante, predeterminado é o desvio que Freud não estava disposto a cometer, mas, por vezes, a sexualidade descrita nos *Três Ensaio*s é compreendida com pouca clareza. Segundo Monzani esta dificuldade de compor o conceito de pulsão sexual parece surgir da própria estrutura conceitual desenvolvida em cada um dos três ensaios.⁵⁸

Ao realizarmos uma análise minuciosa do primeiro ensaio, percebemos que Freud usa argumentos tradicionais sobre as perversões, com pouca preocupação de originalidade. Na verdade, os conteúdos das perversões servem como acúmulo de argumentos já conhecidos e aprovados para assegurar a tese quanto aos desvios da pulsão sexual em relação ao seu objetivo, ao seu objeto e em relação à fonte, ou seja, à possibilidade de obtenção de prazer em outras zonas corporais que não as zonas necessárias ao coito.

2.3 - A importância dos aspectos constitucional X relacional na sexualidade infantil e na fantasia

Seguindo ainda o texto de 1905, *Três Ensaio*s sobre Sexualidade, o segundo ensaio pretendeu reelaborar o conceito de sexualidade infantil e acabou ampliando consideravelmente as

⁵⁷ LAPLANCHE, J. *Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante*. Trad. Lucy Magalhães. Rev. técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 16.

⁵⁸ MONZANI, op. cit. p. 28.

noções de sexualidade.

Freud alarga a compreensão do conceito de sexualidade, desvinculando-a, num primeiro momento, da genitalidade e acrescentando suas noções de sexualidade infantil. Desenvolveu suas idéias sobre a sexualidade polimorfa, guiada para objetos indeterminados, organizada em fases sexuais com diferentes zonas de prazer prevalecendo a cada momento. Entretanto, Freud acabou retornando ao determinismo orgânico na medida em que submeteu o percurso da libido no curso das fases da sexualidade infantil à finalidade de encontrar um objeto sexual no mundo externo que obedecesse à proibição do incesto e possibilitasse a reprodução através do ato sexual. Isso se efetivava como um “princípio regulador” da pulsão sexual que acompanhava e guiava a sexualidade desde a infância até a puberdade.

“a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo do encontro do objeto. Ambos já estão prefigurados na vida infantil.”⁵⁹

Através do desenvolvimento da sexualidade as pulsões deviam submeter-se à primazia genital, abrindo mão da sua condição polimorfa. As pulsões encaminhavam-se em direção à finalidade da reprodução e as demais áreas de satisfação da pulsão sexual perdiam sua intensidade. Além disso, a sexualidade que tinha como objeto o próprio corpo, satisfazendo-se de maneira auto-erótica, encaminhava-se para a escolha de objeto com alteridade, o não-eu.

Apesar da importância dada a esses princípios reguladores de ordem biológica, Freud não deixou de descrever aspectos da relação com o mundo externo. Ainda nos *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*, o caráter relacional está presente quando Freud descreve (no terceiro ensaio) que a sexualidade se constitui no interior de um quadro de inter-relações humanas. A primeira inter-relação ocorre entre o bebê e a mãe, é o modelo inicial de relação amorosa e um

⁵⁹ SB vol. VII, p. 221. AM e SE vol. VII.

meio de satisfação das pulsões sexuais. Com essa relação a mãe estimula o corpo do bebê, ao prestar os cuidados necessários (alimentação, higienização, etc) e inicia a satisfação autoerótica, mecanismo típico da sexualidade infantil.

Ao prestar esses cuidados, a mãe também revive, de maneira inconsciente, sua própria relação com sua mãe e transmite ao bebê suas fantasias. O “encontro” da mãe com o bebê é carregado por conteúdos libidinais; dessa forma a relação ocorre em meio às circulações de fantasias. A mãe deposita suas fantasias na mente da criança. As fantasias se relacionam com as questões de moralidade (regras sociais, como a proibição do incesto) e das neuroses da mãe.

O auto-erotismo é permeado com o início da transmissão das fantasias. Entretanto, o Complexo de Édipo, conceito central tanto da sexualidade e dos processos de inter-relações das fantasias, como da constituição da consciência moral⁶⁰, mantém-se como um conceito marginal ao longo dos *Três Ensaios sobre Sexualidade*.

Ainda neste período Freud escreve *Fragmento de análises de um caso de histeria* (1905[1901]). O livro é um relato sobre o tratamento de uma paciente histérica, chamada Dora, que fomentou a discussão do que era relatado em análise enquanto realidade ou fantasia. As cenas relatadas por Dora eram principalmente fantasias de sedução. Foi o primeiro caso clínico em que Freud vai usar a teoria desenvolvida na análise de sonhos, para tratar uma neurose. O caso Dora não deixa de ser um teste que Freud faz à suas hipóteses de que o sonho e a neurose guardavam semelhanças e que a fantasia era um conceito fundamental.

Num primeiro momento – mesmo depois da carta de 1897 à Fliess – Freud ainda não

⁶⁰ As questões da consciência morais serão retomadas cuidadosamente no capítulo III. É importante esclarecermos que neste momento da teoria (em 1905), Freud acreditava que a proibição dos desejos sexuais era efetivada por meio das normas de conduta social. Na relação com as proibições impostas pelos educadores à criança limitava a atuação dos seus desejos sexuais, o que contribuía para uma valorização gradativa da maturação da sexualidade infantil até a genitalidade. Desse modo o mundo externo torna-se fundamental para o desenvolvimento da sexualidade, ainda que atuando sempre no papel de lugar de repressão. Até este momento Freud não se refere ao conceito de superego.

assegura se a origem dessas fantasias se baseava em fatos reais ou era originária apenas das pulsões sexuais. A fantasia não tinha um lugar específico, era um conceito pouco claro.

Na Áustria, início do século XX, muitas noções propostas por Freud eram combatidas com veemência; ele mesmo relutou diante da idéia de admitir um conceito que deveria ser crucial para sua teoria e não se pautava pela realidade dos fenômenos físicos. Talvez por isso o conceito de fantasia tenha tido várias definições. Foi uma parte da psicanálise que passou por muitas mudanças ao longo das obras freudianas.

Ao escrever sobre o caso Dora (1905[1901]), Freud acabou por esclarecer que os neuróticos possuem fantasias inconscientes originárias de pulsões sexuais que foram recalçadas. Acreditava-se que uma das finalidades da formação do sintoma era a de realização dessa fantasia inconsciente. Dessa forma as pulsões sexuais, provindas tanto de uma “sexualidade normal recalçada”, quanto de perversões inconscientes, impulsionam uma cena fantasmática. Os sintomas histéricos estavam relacionados com uma fantasia inconsciente originada de pulsões sexuais, endógenas.

*“Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento. Por isso suas fantasias inconscientes exibem um conteúdo idêntico ao das ações documentadas nos perversos, (...). As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões. Nos neuróticos, a constituição sexual, na qual está contida a expressão da hereditariedade, atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar o desenvolvimento da sexualidade normal. O curso de água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da sexualidade normal recalçada, mas também das moções perversas inconscientes.”*⁶¹

⁶¹ SB vol.VII, p. 56. SE e AM vol. VII.

Entretanto, Freud parece confuso com relação à origem dos sonhos e fantasias de Dora. Em outras partes do texto mostra-se inclinado a incluir na sua teoria da fantasia um embasamento nos fatos externos para a eclosão das cenas fantasmáticas, apesar de ainda estar incerto sobre sua origem.

*"(...) seria assombroso que sem nenhum esclarecimento externo haveria chegado por si só a esta fantasia, como é comprovado com certeza no caso de outras pacientes. Na verdade, um fato notável proporcionava nela a precondição somática para a criação autônoma de uma fantasia que coincide, por outro lado, com os feitos de um perverso."*⁶²

Era difícil falar de um mecanismo psíquico pautado única e exclusivamente pelos fatores internos dos sujeitos. A equação freudiana "constituição/impressão" deveria ser reavaliada, mas Freud não estava inclinado a adotar a teoria da fantasia pura e simplesmente porque ela não oferecia apoio numa realidade material.

Além dos sintomas, era possível obter acesso às fantasias inconscientes através dos sonhos. O capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900) descreve essas fantasias como o núcleo do sonho que progredia até o pré-consciente. As cenas dos sonhos eram a expressões dos desejos inconscientes que, no estado de sono, conseguiam transpor a barreira da repressão fortalecida durante a vida de vigília.

Uma vez que todas as pessoas podem sonhar, a teoria freudiana passa a superar a investigação dos estágios patológicos da mente. Ao inserir suas considerações sobre os sonhos, a psicanálise alarga seu objeto de pesquisa para além das doenças psiquiátricas.

O período seguinte, delimitado por Laplanche e Pontalis no livro *Fantasia Originária*

⁶² AM vol. VII, p. 46. SB e SE vol. VII.

fantasias da origem, origens da fantasia, entre 1906-1909, é marcado pelo reconhecimento da influência da fantasia sobre os processos psíquicos e pelo desenvolvimento da metapsicologia freudiana.

Uma vez que algumas fantasias ocorriam na consciência, enquanto sonhos diurnos ou devaneios, elas estavam sujeitas à censura e ao recalçamento. Essas fantasias recalçadas tornavam-se patogênicas. Por meio da análise, o movimento poderia ocorrer inversamente e se daria através do retorno do recalçado. Dessa forma Freud define o lugar das fantasias próximo ao “limite do inconsciente” e seu aparelho mental, consciente/inconsciente, era muitas vezes percorrido pela fantasia.

Conforme a teoria da fantasia foi sendo introduzida na clínica, a realidade do mundo exterior voltou a ser valorizada. Toda a fantasia tinha um tanto de realidade externa para que fosse formada. A fantasia era uma produção inconsciente, mas não era unicamente a expressão de uma pulsão. Ela contava com alguma percepção da realidade que foi vivida no passado e armazenada na mente. Desse modo a formação da fantasia se dava tanto pelo desejo inconsciente que as pulsões excitavam, quanto pela influência do mundo externo, equilibrando novamente a equação interno/externo dos processos psicológicos.

As fantasias mantiveram-se intimamente ligadas às pulsões sexuais e pouco se falava dos processos de relação entre vários psiquismos e suas fantasias. Apesar de contarem com a lembrança da percepção do mundo externo na confecção da cena fantasmática, elas permaneciam como um processo interno desvinculado daqueles relacionados com o trato da realidade.

2.4 - A origem das fantasias edípicas

Freud reorganiza seu pensamento após o suposto abandono da teoria da sedução; as cenas contadas pelos pacientes mudam de referência. Ao invés de sedução temos fantasias

derivadas da sexualidade infantil. O que movimenta o psiquismo agora é o desejo e veremos que a introdução dos desejos edípicos (ainda que explicitados apenas em suas cartas para Fliess), traz a questão de um modelo generalizado para a teoria freudiana.

Dessa maneira é necessário avaliarmos essas novas noções na tentativa de compreendermos o pensamento freudiano em relação às fantasias típicas da vida mental e essencial para a formação da personalidade. Procuramos a origem das fantasias edípicas. Elas já são reconhecidas antes mesmo que haja condição de dar-lhe um lugar fundamentado na teoria e são identificadas por Freud na sua prática clínica.

Ele próprio percebeu sua existência, mesmo antes de poder descrever conceitualmente que existia um modelo de relação que os pacientes descreviam com muita freqüência. Freud identificou este modelo com o texto de Sófocles, *Édipo Rei*. Nele a fantasia constante era de ser seduzido por uma pessoa e sofrer pelo medo de que seu amor fosse roubado por uma terceira pessoa. Por causa desse medo de perder o objeto amado o indivíduo tem sentimentos ambíguos em relação à terceira pessoa. Por um lado seu rival é temido e admirado pelos seus atributos; por outro lado o rival é odiado e será o alvo de ataques violentos.

A partir da fantasia edípicas procuramos uma explicação para a origem das cenas fantasmáticas. Ainda que a estrutura edípica já fosse percebida por Freud antes mesmo dos *Três Ensaios sobre Sexualidade* (1905), ela só pôde ser descrita posteriormente.

Em 1908 Freud publica o artigo "Teorias Sexuais Infantis", em que trata com muita cautela e profundidade a questão das fantasias. As teorias típicas são extraídas de relatos de crianças, mas sobretudo de construções e traduções de recordações inconscientes realizadas em análise. As formulações psíquicas infantis estariam ligadas a um impulso de saber a respeito de sua situação no mundo.

A primeira questão que deveria aparecer para a criança é sobre a origem dos bebês.

Segundo Freud a questão permanece insolúvel para a criança uma vez que ela não possui meios para traduzir o evento, porque lhe falta, por exemplo, o conhecimento sobre a vagina ou a possibilidade de compreender o papel do pai nesse processo.

Geralmente os pais respondem às crianças com explicações falsas e a criança não consegue aceitá-las. Nesse momento a criança é forçada a inventar suas próprias explicações a respeito dessa questão. Percebemos que a mente infantil fica dividida entre as teorias inventadas pelas crianças e as teorias explicadas pelos pais. A criança vê-se diante de um importante conflito psíquico e acaba por aceitar a teoria paterna. Ao excluir suas próprias teorias a criança gera uma cisão no psiquismo e, dessa maneira, a mente se organiza entre consciente e inconsciente, o que pode se constituir como o complexo nuclear da neurose.

Encontramos algumas teorias típicas infantis que nos levam a compreender a fantasia edípica como um modelo mental do desenvolvimento: a primeira teoria típica é a de que todos possuem um pênis; no confronto com o genital feminino a teoria impõe-se à realidade e nega a diferença ao afirmar, por exemplo, que o pênis é ainda pequeno. O menino, que sente prazer ao manipular seu pênis, passaria a ter medo de perdê-lo a partir de ameaças de castração.

Uma segunda teoria típica é a que procura compreender como as crianças saem das mães. Essa teoria supõe que as crianças são eliminadas como excrementos, permitindo que os meninos construam a fantasia de que podem ter seus próprios filhos. A terceira teoria fala a respeito da concepção sádica do coito, ligada às pulsões sádicas infantis. A criança compreende o coito parental como uma atividade sádica e sente medo de que o pai machuque a mãe. Freud nos fala que essa fantasia deve ter origem em tempo muito precoce em que a criança deve ter guardado uma memória auditiva do coito parental. Percebemos que, ainda que estejamos falando de fantasia, essa teoria nos reenvia à noção de sedução, porque acredita num tempo remoto em que algo de fato ocorreu e permaneceu na mente infantil como material recalçado.

Em 1920, a partir do texto *Além do princípio do prazer*, ocorre uma revolução teórica do conceito de pulsão e, conseqüentemente, de outras noções que descrevem o funcionamento do aparelho psíquico. Antes disso, a pulsão era vista como uma força interna que excitava o psiquismo, “uma excitação da qual não se pode fugir”⁶³. Após 1920, a pulsão passa a ser uma tendência de retornar a uma situação anterior de organicidade e inorganicidade. As pulsões sexuais e de autopreservação passam a fazer parte de uma mesma pulsão, a pulsão de vida, porque ambas têm o caráter de agrupamento, trabalham para que a vida continue.

Por outro lado, Freud descreve a pulsão de morte como uma tendência do organismo a voltar ao estado inanimado. As duas pulsões, de vida e de morte, estão sempre fundidas, ainda que em algumas situações uma das duas atue em maior força.

Com essas novas concepções, o conflito, que antes era a luta das fantasias (enquanto representantes das pulsões sexuais) contra as proibições e abusos do mundo externo, passa a ser descrito dentro do aparelho psíquico. O conflito é a tensão surgida das duas tendências, de dissolução e de união das partículas humanas, dentro do mundo interno.

O mundo externo precisa de um representante mental, para que possa ser internalizado e fazer parte do mundo interno. Há, a partir de 1920, um único palco, o aparelho psíquico.

Entretanto, Freud não se desfaz da importância da relação do psíquico com o mundo externo, pelo contrário, passa a se debruçar sobre os mecanismos de introjeção-projeção, os representantes da instância externa no aparelho psíquico e as análises sobre a civilização.

Dessa forma abre-se a possibilidade de descrever e rearticular o Complexo de Édipo (onde ocorrem as internalizações das figuras parentais do mundo externo, no aparelho psíquico). Além disso, Freud passa a postular suas considerações sobre uma herança genética que foi parte

⁶³ SILVA, N. Jr. Modelos de subjetividade em Freud. Da catarse à abertura de um passado imprevisível. In: *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XIII, n. 139, p. 41.

da história primitiva dos homens e que também passou pelo processo de internalização para obter seu representante no mundo interno, as fantasias filogenéticas.

O texto de Freud (1937), *Construções em análise*, defende o conceito de verdade histórica, como lembranças de fatos ocorridos em épocas primitivas, que foram deformadas pelos processos psíquicos, mas permaneceram no inconsciente. Os sonhos e devaneios -fantasias conscientes- bem como os relatos feitos na situação clínica expressam o movimento da verdade reprimida que quer conduzir à consciência traços de memórias, contrapondo-se ao movimento da resistência que pretende manter as lembranças inconscientes. O texto é bem claro ao retomar aspectos da teoria do trauma: *“uma preposição que originalmente asseverei apenas quanto à histeria se aplicaria também aos delírios, a saber, que aqueles que lhe são sujeitos, estão sofrendo de suas próprias reminiscências”*⁶⁴

Freud postulou que o desejo mais primitivo estava relacionado à recordação da primeira satisfação, ou seja, à satisfação ligada aos cuidados básicos maternos. Reunindo desejo e recordação originava-se a primeira fantasia. A partir da fantasia edípica Freud faz uma série de referências importantes em que o desejo dos adultos desperta o desejo infantil.

Antes de 1897 verificamos que a teoria da sedução já nos assinalava essa situação, mas o que antes era compreendido como realidade objetiva agora está no domínio da fantasia. Certamente percebemos que a fantasia edípica retoma os relatos das “antigas históricas”: a idéia de sedução permanece, embora modificada.

O Édipo parece, entretanto, ser uma fantasia universal, mas há aí uma questão: a universalidade do Édipo deve-se ao desenvolvimento das pulsões sexuais ou tem sua origem numa realidade objetiva, assim como ocorre na sedução?

⁶⁴ AM vol. XXIII, p. 286. SB e SE vol. XXIII.

Sabemos que, juntamente com a fantasia edípica, outras fantasias postuladas pela psicanálise são típicas entre as pessoas e cruciais no desenvolvimento da vida afetiva e na construção do aparelho mental. Essas fantasias comuns levaram Freud a acreditar na existência de esquemas inconscientes que transcendiam o individual. As profantasias são heranças deixadas por gerações primitivas que são revividas por todas as gerações atuais. Dessa maneira Freud responde à pergunta usando argumentos de uma realidade objetiva e remota, o que foi largamente desenvolvida em seu livro, *Totem e Tabu* (1913).

É interessante perceber que a luta para manter o valor e a complementaridade entre a realidade externa internalizada e as pulsões na formação dos fenômenos mentais estimula Freud a um raciocínio lamarckista na explicação das profantasias. Segundo Monzani⁶⁵, Freud acreditava claramente na evolução em termos de aquisição que é transmitida hereditariamente. Ou seja, mesmo que atualmente as fantasias típicas que todos imaginam durante o processo de desenvolvimento mental – como, por exemplo, a fantasia de castração – tenham suas origens aparentemente nas pulsões inconscientes, na verdade foram situações e comportamentos que os homens primitivos viveram nas suas épocas. Aquilo que um dia foi vivido passou a ser uma aquisição da espécie humana, uma herança genética.

A fantasia é um conceito crucial para a psicanálise. Assumiu muitos lugares ao longo da obra até que pudesse abranger tanto o campo das pulsões e desejos, quanto as percepções ligadas à realidade. É uma noção que, por estar intimamente ligada aos desejos inconscientes, abre espaço para que outras postulações psicanalíticas, como os processos defensivos, a sexualidade, o complexo de Édipo, etc., pudessem surgir. Por outro lado a passagem da teoria da sedução para a teoria da fantasia acaba abrindo espaço para muitas divergências com relação à natureza e

⁶⁵ MONZANI, op. cit., p. 16.

a origem das fantasias. Talvez por esse motivo a fantasia é adotada por todos os psicanalistas, mas poucas vezes é compreendida de maneira similar, o que implica que haja várias teorias sobre a psicanálise.

Capítulo III

Realidade psíquica e realidade externa

Ao seguirmos o conceito de fantasia ao longo da obra de Freud, percebemos algumas vezes dificuldades em estabelecer qual é a natureza de uma fantasia, o que compõe uma cena fantasmática. Afinal a fantasia é pura e simplesmente encenação das pulsões, ou seja, é constitutivo da condição humana, ou a fantasia se organiza a partir das primeiras vivências com a mãe?

A questão se coloca no ponto de encontro entre os conceitos de realidade psíquica e realidade externa. Devemos investigar qual o valor que Freud atribuiu a cada uma dessas noções em relação as suas contribuições para a natureza da fantasia. Para tanto é indispensável um exame dedicado às noções de realidade psíquica e realidade externa nos textos freudianos.⁶⁶

3.1 - A fantasia como realidade psíquica

Um dos importantes movimentos da teoria psicanalítica ocorreu com o fim da teoria da sedução e a adoção do conceito de fantasia. Ao assumir a fantasia, Freud começa a acreditar que o objeto da análise é, antes de tudo, um fenômeno psíquico e, pela crucial importância desses fenômenos na etiologia das neuroses, é defendido enquanto realidade. Veremos adiante como essa idéia se desenvolve dentro da teoria freudiana.

Certamente seria pouco provável que a imensa maioria das crianças fosse filhas de pais perversos, mas o outro ponto para que a hipótese da sedução caísse por terra foi a instauração do conceito dos processos inconscientes, nos quais a distinção de uma verdade e uma ficção, investida de afeto, tornava-se impossível. Nesse momento Freud estava convencido do poder da

⁶⁶ Os conceitos de realidade psíquica e realidade externa serão discutidos com base nas noções psicanalíticas da primeira tópica freudiana.

sexualidade na etiologia das neuroses e mantinha sua importância no desenvolvimento posterior à teoria do trauma. Assim, é importante pontuar o rearranjo que a sexualidade sofreu no momento das transformações teóricas dessa fase.

A concepção da teoria da sedução entendia que o desenvolvimento da sexualidade ocorria na relação com os estímulos do mundo externo. A sedução acontecia numa fase da infância em que a criança não podia entender o evento enquanto trauma sexual. A sexualidade não fazia parte das vivências infantis, mas a sedução mantinha-se na mente da criança como um “corpo estranho”. Um segundo evento, ocorrido numa época posterior, em que a criança entrava na puberdade, reativava a lembrança da infância que evocava um valor sexual às cenas. O desenvolvimento da sexualidade dependia do estímulo exterior de uma primeira cena que atribuía um valor sexual aos eventos que ocorreriam posteriormente, na puberdade. Em suma, depreende-se dessas idéias que, quando a criança evoca a lembrança da sedução vivida nas primeiras infâncias, ela passa a recalá-las, ocorrendo a formação dos sintomas.

Quando Freud abre mão da teoria da sedução e assume a importância da “ficção”, ele busca, ao mesmo tempo, um apoio para sua teoria, a fim de defender sua legitimidade. Freud adota, então, o valor da constituição na etiologia das neuroses, sem abrir mão da importância da sexualidade. Por essa razão a teoria freudiana adotou a noção de constituição interna, referindo-se à realidade psíquica e, em algumas situações, à herança filogenética.

Nessa linha de reflexão, Freud pontuava que as neuroses não se desenvolviam em decorrência de um evento real recalcado. A realidade crucial na formação das neuroses não partia do mundo externo, era uma realidade interna baseada no sujeito e, possivelmente, baseada em filogênese.

É importante lembrarmos que, de acordo com a tendência científica da época, havia necessidade de definir um conceito enquanto realidade, para que a teoria fosse legítima. O objeto

de pesquisa só podia ser aceito se fosse parte de uma realidade. Desse modo, a fantasia não deveria originar-se de outro pólo senão de uma realidade, ainda que interna.

A fantasia, que surgiu com toda evidência e forçou o suposto abandono da teoria da sedução em 1897, passa a ser submetida à concepção de constituição interna, influenciada pela pulsão sexual. Ou seja, a fantasia aparecia como a expressão da pulsão sexual, expressão secundária dos caminhos determinados pelas etapas do desenvolvimento libidinal. Nesse momento da teoria, Freud postula as pulsões sexuais enquanto forças internas – endógenas – que não aparecem apenas na puberdade, mas estão sempre presentes inconscientemente desde a infância. As fantasias são a expressão dessas pulsões que só podem existir inconscientemente, porque representam desejos incompatíveis com a consciência.

O valor da fantasia é inegável e seu status de realidade passa a ser possível a partir de uma nova noção daquilo que se compreende como fenômeno. A realidade não é necessariamente o evento ocorrido no mundo material pois, uma vez reconhecida a eficácia inconsciente da fantasia como subjacente a alguns aspectos puramente psicológicos (como no caso da histeria), ela é tão determinante quanto um evento. É o prenúncio de uma situação na qual se torna cada vez mais difícil definir um mundo externo com contornos, sem levar em consideração a influência dos movimentos inconscientes que estão em pleno desenvolvimento conceitual.

Aquilo que era relatado pelos pacientes, assim como o fenômeno da fantasia passam a ser compreendidos como versões ou apreensões de um mundo interno ao qual não se pode ter acesso direto. A carta de Freud a Fliess, escrita em 12/12/1897, sugere que existe uma realidade interna que está presente, juntamente com os sistemas de memória e percepção, na constituição do aparelho mental. É dessa forma que encontramos as produções de fantasias:

“Você consegue imaginar o que sejam `mitos endopsíquicos`? São o último produto de meu esforço mental. A tênue percepção interna do / nosso/ próprio aparelho mental estimula ilusões do

pensamento, que, naturalmente, são projetadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e além. A imortalidade, a recompensa, a totalidade do além, tudo é reflexo de nosso /mundo/ psíquico interno. Loucura? Psicomitologia.”⁶⁷

Seguindo a correspondência de Freud a Fliess, é evidente que, nos anos de 1898 e 1899, o conceito de fantasia confirma-se como elemento crucial para as investigações clínicas. A fantasia parece mesmo ser o conceito central para a compreensão de uma nova teoria sobre o psiquismo:

“Essa chave abre muitas portas. Você sabe, por exemplo, porque X.Y. sofre de vômitos histéricos? Porque, na fantasia, ela está grávida, porque é tão insaciável que não consegue suportar ser privada de ter um bebê também de seu amante na fantasia. Mas também se permite vomitar porque, desse modo, ficará faminta e emaciada, perderá sua beleza e não será atraente para mais ninguém. Portanto, o sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejos.”⁶⁸

3.2 - Movimento da realidade psíquica a da realidade externa

Em 1899 Freud escreve o artigo *Recordações Encobridoras* que será publicado em 1901. Nele encontramos uma discussão que nos permite levantar a hipótese de que a relação da realidade psíquica e a realidade material exercem influências mútuas, podendo até mesmo confundir-se.

O texto descreve um fenômeno em que os conteúdos que compõem as lembranças da infância, e que são relatados na clínica analítica, estão sob a influência de processos inconscientes. Nessa época Freud estava muito interessado pela idéia de um aparelho mental que recebesse influências da realidade psíquica. A análise deveria tornar consciente aquilo que fora reprimido e o papel do analista era diminuir as defesas que mantinham inconscientes tanto as

⁶⁷ CFF, 287.

⁶⁸ Carta escrita em 19/02/1899. CFF, 346.

lembranças, quanto as fantasias sexuais.

O texto parte do argumento de que as lembranças infantis podem ser muito significativas na produção de uma neurose. O texto prossegue com o desenvolvimento de uma reflexão sobre as diferenças entre o funcionamento da memória infantil e adulta. As lembranças infantis são enigmáticas e, por isso, permanecem isoladas. A memória se organiza conservando a recordação dos acontecimentos mais significativos e esquecendo os demais. Na histeria, entretanto, ocorre uma falha nesse funcionamento e, justamente, as recordações mais carregadas de significados são esquecidas

O que é intrigante é a relação que Freud faz entre a amnésia histérica e a infantil. Assim como nas históricas as vivências infantis mais importantes estão ausentes. Para compreender este fenômeno Freud escreve:

*“Só se chega a uma explicação penetrando mais profundamente no mecanismo do processo: forma-se então a representação de que duas forças psíquicas participam do aparecimento destas recordações, uma das quais toma por motivo a importância da experiência vivida para querer rememora-la, enquanto que a outra- uma resistência- repugna esta colocação em relevo. As duas forças agindo em sentidos opostos não se suprem mutuamente(...) mas acontece um efeito de compromisso, aproximadamente análogo à formação de resultante no paralelogramo de forças. Aqui o compromisso consiste no seguinte: certamente não é a experiência vivida em questão que libera a imagem mnêmica – nisto a resistência tem ganho de causa - , mas um outro elemento psíquico que está ligado ao elemento chocante por vias aproximadas de associação.”*⁶⁹

Todo esse processo descrito por Freud, além das noções sobre a universalidade dos desejos infantis – que serão desenvolvidos intrincados à noção de sexualidade infantil –, garante um esquema explicativo típico da primeira tópica freudiana: conflito, repressão, substituição com

⁶⁹ CFF, 346.

formação de compromisso.

Desse modo, aquilo que pode ser lembrado é aquilo que não sofreu repressão e preenche um vazio deixado por um conteúdo que foi reprimido. A apreensão dos eventos e seu posterior relato estão submetidos às tendências que as pulsões e as defesas exercem de maneira contínua. A lembrança dos eventos pode assumir uma função encobridora e o conteúdo verdadeiramente significativo só é “conscientizado” com o desenvolvimento da análise.

Os mecanismos de defesa internos, inconscientes, exercem forte influência sobre os processos conscientes, como a memória. O relato do paciente é permeado pela influência dos conteúdos inconscientes.

“Intensos poderes da vida posterior modelam a capacidade de recordar as vivências infantis, provavelmente os mesmos poderes em virtude dos quais todos nós nos tornamos alheios à capacidade de entender nossa infância.”⁷⁰

É importante lembrar que, nesta época, o conceito de libido era postulado enquanto energia de grandeza quantitativa, que exerce um estímulo sobre o aparelho mental. A libido é o estímulo originado internamente e que atua sobre a mente tanto nos processos inconscientes, quanto nos conscientes. A origem interna da libido provém da pulsão, que nesta fase é definida pelo seu caráter de excitação interna originada das funções fisiológica, como o comer.⁷¹

As lembranças encobridoras referem-se a um fragmento de lembrança, em si insignificante, que recebe e expressa uma transferência de intensidade psíquica de outra lembrança, significativa, mas cuja recordação provocaria desprazer. Certas lembranças encobridoras podem ser produtos da fusão de uma série de fantasias e não, necessariamente,

⁷⁰ AM vol. VI, p. 51. SB e SE vol. VI. (“Intensos poderes de la vida posterior han modelado la capacidad de recordar las vivencias infantiles, probablemente los mismos poderes en virtud de los cuales todos nosotros nos hemos enajenado tanto de la posibilidad de inteligir nuestra niñez”).

⁷¹ “(...) a influência das duas mais poderosas forças motivacionais – a fome e o amor.” Freud, S. Lembranças Encobridora, AM vol. III.

referir-se a fatos ocorridos na infância.

Novamente a questão se coloca: quanto a essas lembranças relatadas pelos pacientes, trata-se de recordação ou de fantasia?

Não parece ser possível encontrar uma definição da posição freudiana nesse texto, porém a ênfase se dá na autenticidade dos relatos, sejam eles oriundos de uma realidade externa ou interna:

"(...) estou pronto a concordar com você em que a cena é autêntica. Nesse caso, você a selecionou dentre inúmeras outras da mesma espécie ou não, porque, graças a seu conteúdo (em si mesmo irrelevante), ela se prestava bem para representar as duas fantasias, tão importantes para você. Uma recordação como essa, cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, possam perfeitamente ser chamados de "lembrança encobridora."72

A partir da organização das impressões vividas, surgem conjuntos de fantasias que se apóiam e mantêm pontos de contato com suas representações originárias. A fantasia e eventuais fragmentos de cenas autênticas constituiriam uma forma privilegiada e condensada de expressão de um sentido. Dessa maneira as recordações que surgem não têm um alto valor em si, pois são escolhidas pela sua eficácia em articular sentido.

Esse parece ser um caminho interessante para observarmos que, ao investigar o processo de formação da fantasia, Freud parece desfazer a oposição absoluta que parecia haver entre lembrança real e fantasia, no psiquismo. As lembranças são construídas no ato de recordar, sofrendo constantes alterações; por outro lado as fantasias são derivadas de impressões vividas. Só podemos estar seguros, nesse momento, de que, para Freud, a fronteira entre lembranças e fantasias fica cada vez menos nítida.

⁷² SB, AM e SE vol. III.

Nos anos de 1912, encontramos, no texto *Sobre a dinâmica da transferência*,⁷³ uma discussão muito semelhante. Freud investiga sobre os possíveis caminhos que a libido percorre no indivíduo neurótico e quanto os estímulos internos podem interferir na relação com o mundo externo. Como já foi visto, a sexualidade era constitucional e deveria seguir um caminho até a maturidade genital. Em cada fase desse desenvolvimento uma quantidade de libido era investida. Um indivíduo adulto com sintomas neuróticos apresentara parte da libido dirigida para a realidade externa à disposição do pensamento consciente, mas outra parte da libido era retida no decorrer do desenvolvimento sexual e mantinha-se ligada (fixada) inconscientemente às fases anteriores do desenvolvimento.

Segundo essa linha de reflexão a parte inconsciente da libido pode ser investida nas fantasias e podem influenciar os processos mentais conscientes, antes mesmo da relação com um outro, porque a libido fixada é uma quantidade de energia que deseja ser descarregada urgentemente. Desse modo, o contato com o mundo externo é influenciado pela força da libido retida que deseja a priori ser descarregada.

É essencial adotarmos a idéia desenvolvida no artigo, *Modelos de subjetividade em Freud*, por Silva Jr.⁷⁴, em que ao abandonar a teoria da sedução o corpo passa ser o agente do trauma e não mais sua vítima. No início da psicanálise, a subjetividade humana era descrita nos modelos freudianos por meio da noção de saúde originária. A ruptura desta saúde só ocorria com o evento de um trauma sexual vivido na relação com o mundo externo (material) que se mantinha na mente inconscientizado, mas provocava uma forma de estimulação e irritação psíquica. A cura ocorria quando a saúde perdida era recuperada através do método catártico. Assim, a lembrança recalçada voltava à consciência com sua carga afetiva correspondente e deixava de exercer seu

⁷³ SB, AM e SE vol. XII.

⁷⁴ SILVA, op. cit. p. 34-48.

estímulo no aparelho psíquico.

Freud começa a perceber que a representação relatada como trauma, determinante na ruptura da saúde, podiam ser fantasias sexuais. Dessa transformação surgem os conceitos de fantasia e pulsão, fortemente relacionados com a idéia de constituição sexual hereditária. Freud assume o imaginário, o subjetivo, como seu objeto de estudo e confere a ele o status de realidade. Uma vez que as fantasias têm uma eficácia determinante nos sintomas neuróticos, é possível compará-las com a realidade do mundo material e atribuir-lhes, então, “uma espécie de realidade.”

3.3 - A fantasia como objeto da psicanálise

Laplanche e Pontalis no livro, *Fantasia Originária*, falam da necessidade de Freud de tomar a realidade material enquanto referência para legitimar os objetos psicológicos, seguindo a tendência das ciências de sua época. Ao mesmo tempo, falam também da dificuldade que Freud encontrou ao tentar precisar um conceito de realidade psíquica.

“Se está em causa opor a realidade dos fenômenos psicológicos à “realidade material, a “realidade do pensamento” à “realidade exterior”, isto equivale a dizer: nós nos movemos no imaginário, no subjetivo, mas este subjetivo é o nosso objeto e o objeto da psicologia tem o mesmo valor que o das ciências físicas.”⁷⁵

A fantasia, como uma expressão de pulsões constitutivas, tornou-se um “agente traumático” fatal. Desse modo, ao analisarmos o modelo de subjetividade descrito por Silva nesta fase da teoria freudiana, encontramos a doença como constitutiva no sujeito, já que a característica da pulsão é justamente a estimulação constante da qual é impossível fugir.

⁷⁵ LAPLANCHE & PONTALIS. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar editor, p. 21.

Freud, tomando os fenômenos materiais do mundo externo como referência de objetos reais, atribuiu aos fenômenos psíquicos do mundo mental interno status de realidade. Talvez esta tenha sido a primeira diferenciação entre a realidade interna e externa.

No artigo “Um estado de alma é uma paisagem...”, de Silva Jr.⁷⁶, desenvolve-se as noções de “interno” em psicanálise, discutindo a proposta freudiana dos “vários mitos de origem para a organização do espaço”. Para o autor a realidade interna e a externa, até 1911 (antes do artigo *Formulações sobre dois Princípios do Funcionamento Mental*), são diferenciadas a partir de critérios um pouco mais claros. A realidade externa existe em si, e é definida através da interpretação do resultado de uma ação do sujeito. O estímulo só pode ser externo se, ao exercer uma força sobre o sujeito, puder cessar por meio da fuga deste sujeito. A pulsão, diferentemente, não cessa seu estímulo mesmo depois de uma ação de fuga. O externo é o estímulo que termina depois de uma ação (a fuga); o interno são os estímulos marcados pela impotência do sujeito em fugir.

Com o desenvolvimento da psicanálise e a conceitualização do princípio de prazer, o interior e o exterior passam a ser distintos pelo sentimento de “prazer” e “desprazer” causado pela representação mental. O princípio de prazer foi conceituado no texto freudiano, “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*” (1911), como um processo primário de funcionamento mental típico do inconsciente. Obedecendo a esse princípio, os processos inconscientes esforçam-se em alcançar prazer e evitar o desprazer e, dessa maneira, podem até mesmo modificar a percepção dos eventos.

Quando o estado de repouso psíquico é perturbado pelas necessidades internas, o desejo passa a ser expressos pelas fantasias. Esse estado vincula-se profundamente à noção de

⁷⁶ SILVA, N. Jr. ‘Um estado de alma é uma paisagem...’ Explorações da especialidade em Fernando Pessoa e Freud. In: *Revista Percurso*. Vol. 15.

narcisismo. O corpo é o próprio objeto de desejo e a satisfação das pulsões sexuais acontece através do auto-erotismo. Dessa maneira o narcisismo atende ao princípio de prazer, porque não há frustração do desejo. As pulsões sexuais que se comportam auto-eroticamente, permanecem por muito tempo sob o domínio do princípio de prazer e estão vinculadas ao campo da fantasias.

Para Silva Jr. (Opus cit.), a satisfação auto-erótica dá início a uma operação de introjeção e o espaço interior necessita ser redefinido. Nesse momento, as pulsões estão divididas em sexuais, que se prestam à conservação da espécie, e de conservação do ego ou autoconservação, que pretendem manter o indivíduo vivo. Desse modo, mesmo que as pulsões sexuais a princípio não dependam do mundo exterior para se satisfazerem, a pulsão de conservação do ego mantém contato com ele.

Balizado pelo princípio de prazer, os objetos do mundo externo são acolhidos no ego quando são fontes de prazer. Por outro lado, partes do seu interior que causam desprazer são expelidas para fora do ego. O externo passa a ser tudo que é fonte de desprazer, mesmo que haja uma parte do próprio ego expelida, enquanto o interior passa a ser reservatório do prazer. O que realmente conta, para que se definam as noções de interno e externo na relação com o mundo material, é a sensação despertada pelo objeto e não a realidade material desse objeto.

Entretanto, a satisfação realizada de maneira alucinatória não é suficiente para satisfazer a pulsão de autoconservação do ego. O mundo psíquico sente necessidade de uma satisfação diretamente relacionada ao objeto do mundo externo. É preciso levar em conta a existência em si do objeto e não apenas sua percepção, uma vez que até mesmo a percepção pode ser uma alucinação.

O novo funcionamento mental busca a satisfação dos desejos na realidade externa e foi denominado princípio de realidade. Muitas funções egóicas são desenvolvidas, como a memória e a atenção, para que possam realizar um investimento na realidade. Os órgãos sensoriais

dirigidos ao mundo externo ganham ainda mais importância. Além disso, o aparelho mental passou a desenvolver sua capacidade de julgar a existência ou não dos objetos.

A nova maneira de funcionamento, as fantasias, assim como as alucinações, são fenômenos internos que representam um engano do aparelho mental, uma vez que não oferecem a satisfação do desejo típicos do princípio de realidade. Freud em seu texto *A Negativa* (1925), descreve o princípio de realidade como uma etapa mais desenvolvida do funcionamento mental. O grande atributo do objeto não é sua fonte de prazer, mas, principalmente, sua existência no mundo externo. Nesse texto Freud radicaliza seus argumentos retirando da subjetividade (juntamente com as fantasias) seu valor de verdade: “Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de externo e interno. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá fora.”⁷⁷

Apesar disso, a importância da fantasia e da realidade psíquica não é descartada. Como foi discutido, ao buscarmos o tempo em que as fantasias tiveram origem, encontramos a fase do auto-erotismo. A satisfação alucinatória do desejo é o momento da origem das fantasias, e mesmo que o princípio de realidade valorize a busca pelo objeto do mundo externo, as fantasias mais fundamentais são aquelas que tendem ao reencontro com os primeiros objetos alucinatórios. Desejo e fantasia estão estritamente vinculados. A fantasia, no entanto, não é o próprio objeto de desejo. A fantasia é a uma cena em que o objeto de desejo está contido, e sua principal função é a encenação desse desejo. Em consequência disto, as operações defensivas mais primitivas são aquelas que atuam sobre as fantasias.

3.4 - Breve apreciação sobre a função da fantasia na segunda tópica freudiana

A partir de 1920, Freud reformula seu conceito de pulsão e o interno passa a ser único

⁷⁷ AM vol. XIX, p. 267. SB e SE vol. XIX.

palco dos conflitos. A pulsão de morte, tendência de conduzir o organismo de volta para um estado inorgânico, e a pulsão de vida, tendência que abrange a pulsão sexual e a de autopreservação de maneira que reúnam cada vez mais as substâncias vivas, estão misturadas dentro do aparelho psíquico.⁷⁸

*“Uma vez que tenhamos a idéia de fusão das duas classes de instintos uma com a outra, a possibilidade de desfusão-mais ou menos completa -se impõe a nós.”*⁷⁹

A “desfusão” das duas pulsões – vida e morte – é o conflito. O aparelho psíquico é o palco da tensão entre as duas pulsões. A pulsão de morte traz o caráter de um vazio que não pode ser satisfeito, um “vazio como origem” Um vazio que não pode ser representado, mas que tem uma eficácia tão importante quanto o desejo e suas representações em forma de fantasia.⁸⁰ Nesse sentido, a pulsão de morte é uma força do organismo para o suicídio (estado inanimado).

A alternativa possível para que o organismo não se destrua é que, fundido à pulsão de vida, encontre no mundo externo um bode-expiatório da destrutividade.⁸¹ O instinto destrutivo é resultado da fusão entre uma parte das pulsões de vida e de morte.

A exterioridade ganha novo significado. O organismo se livra das suas tendências auto-aniquilantes ao projetar, no exterior, sua pulsão de morte. A percepção de um outro em si, que não é o próprio ego, é essencialmente necessário para que o organismo se mantenha vivo.

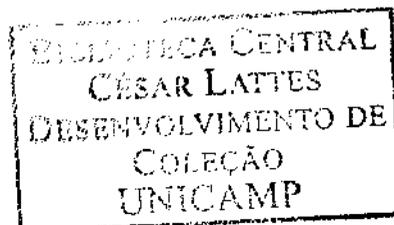
O mundo exterior precisa ser vivido na relação com o psíquico e, principalmente, deve ser diferenciado enquanto não-ego. Assim, mesmo que o conflito se dê dentro do aparelho mental em função dos possíveis “desacordos” entre as pulsões, o mundo externo, a cultura e os valores sociais, com os quais o ego terá que interagir, são fundamentais e serão estudados por Freud. O

⁷⁸ Freud, S. O Ego e o Id. SB vol. XIX. AM e SE vol. XIX.

⁷⁹ SB vol. XIX, p. 54. SE e AM vol. XIX.

⁸⁰ Silva, N. Jr. *Modelos de Subjetividade em Freud*, p. 43.

⁸¹ Silva, N. Jr. *Um Estado de Alma é uma Paisagem*.



Livro escrito em 1929, *O Mal Estar na civilização*, por exemplo, descreve algumas das hipóteses e interpretações freudianas à cultura.

O aparelho psíquico após 1920, e a partir do texto *O Ego e o Id* escrito por Freud em 1923, deixa de ser descrito topograficamente com sistema inconsciente-préconsciente-consciente, e assume nova forma, dividida em id, ego e superego.

O id contém as “paixões”, ou seja ele é guiado pelas pulsões e funciona seguindo o princípio de prazer. O ego é uma parte modificada do id devido à influência do mundo externo, que ocorre por meio dos processos de percepção. Além disso o ego é responsável pela parte consciente do organismo. Sua função é estabelecer uma ordem temporal aos processos mentais, submetê-las estes processos ao teste da realidade e desenvolver o processo de pensamento a fim de assegurar o adiamento das satisfações dos desejos do id.⁸² O ego está intimamente ligado ao mundo externo, mas ainda não é seu representante no mundo interno.

Ao descrever o ego, Freud acredita ser possível supor uma diferenciação dentro dele que esteja menos ligada aos processos conscientes. Interessado em investigar essa parte inconsciente do ego, Freud descreve mais uma função egóica que ocorre num processo parecido ao da melancolia. Quando uma pessoa tem que abandonar um objeto sexual, a catexia direcionada para o objeto se volta e se instala no ego. Dessa maneira, acontece uma identificação egóica com o objeto. A função do ego é justamente transformar-se no objeto, para que o id consiga abandonar sua catexia objetal.

A transposição de catexia objetal para a catexia narcísica (investimento de catexia no próprio ego) implica uma dessexualização. Quando o id abandona um objeto sexual, ele está sublimando aquela relação ou retirando o conteúdo sexual da relação. O ego carrega, então, as

⁸² SB, SE e AM vol. XIX.

histórias das escolhas objetais do id que foram abandonadas.

Para Freud, o funcionamento egóico abre espaço para o aparecimento do superego, porque ele traz a história das primeiras escolhas realizadas na primeira infância que é fundamental na formação da identidade. Na verdade o superego é o herdeiro do Complexo de Édipo.⁸³

Quando a criança é obrigada a abandonar seu objeto sexual (mãe), uma vez que suas fantasias sexuais de realização do desejo sexual com a mãe são ameaçadas pelo pai, o ego não promove o funcionamento de identificação com o objeto perdido (mãe), mas, diferentemente das outras identificações, passa a identificar-se com o objeto ameaçador (pai).

O ego identifica-se com o objeto externo à sua catexia sexual, identifica-se com a função repressora. Este é o processo do qual se origina o superego. A identificação, ao mesmo tempo em que domina o Complexo de Édipo, internaliza o objeto a que o id continua ligado. O superego está em íntima relação com os desejos do id, porque é o herdeiro da sua catexia sexual anterior. Além desse papel o superego assume também a função de repressão e acaba por ser uma formação reativa contra os processos pulsionais do id.

Nesse sentido o superego é a instância psíquica em que as exigências sociais de repressão da agressividade e da sexualidade ocupam um lugar interno. Esse ponto de vista foi desenvolvido por Freud em 1929 no livro *O Mal estar na Civilização*, e deve ser mencionado.

O homem é dotado da pulsão para a destruição a qual fornece uma poderosa quota de agressividade, assim como o outro também tem a tendência de satisfazer sua agressividade nas relações entre os próximos. A inclinação para a agressão é um fator importante que perturba os relacionamentos sociais. Para Freud, a civilização tem que usar de poderosas “formações

⁸³ SB vol. XIX, p. 48. SE e AM vol. XIX.

psíquicas reativas”⁸⁴ para estabelecer limite e manter as manifestações agressivas sob controle.

O desejo de um estado de civilização, para Freud, impõe sacrifícios enormes à sexualidade e à agressividade, que não podem ser expressos livremente. O superego tem, justamente, a função de impor limites através de uma consciência moral e, dessa maneira, representar o processo de civilização. A partir da segunda teoria das pulsões, os conceitos de id-ego-superego mantêm, ainda que nas entrelinhas, a discussão do movimento da realidade psíquica e da realidade material.

3.5 - O papel da realidade externa para a formação da fantasia

O mundo externo é organizado pela cultura. O sistema de crenças e valores privilegia e significa a percepção do indivíduo, desenvolvendo uma espécie de “mapa mental do universo.”⁸⁵ Dentro dessa perspectiva cultural o homem se relaciona com os outros, ama, pensa, sofre, trabalha, adoece, etc.

A cultura oferece, ainda, suas referências para que se inscrevam os limites do indivíduo. A criança que pode interagir no meio ambiente tem uma noção daquilo que é externo. É através das redes culturais de significações que se podem realizar, dentro da perspectiva social, as determinações de aspectos imaginários e reais, externos e internos.⁸⁶

O grupo social se forma pelo “encontro” entre os homens. A rede simbólica comum, assim como as regras éticas, permitem a existência e a continuidade das relações entre os indivíduos. Dessa forma, garantem a manutenção dos grupos sociais.

O casal parental são os primeiros a transmitir ao bebê os valores culturais de sua

⁸⁴ SB vol. XXI, p. 117. AM e SE, vol. XIX.

⁸⁵ Correa, O B. R. *O Legado Familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 60.

⁸⁶ A determinação daquilo que é externo e interno ao indivíduo na obra freudiana não obteve sempre os mesmos contornos. O texto aqui apresentado pretende levantar essas questões mais adiante, à luz da teoria freudiana.

sociedade. Através deles são veiculadas, inconscientemente, as significações culturais dos seus contextos históricos. A maneira como o bebê é cuidado, sua higiene, alimentação e o período de desmame são exemplos de atitudes determinadas culturalmente, as quais os pais têm internalizadas e que fazem parte do repertório de relacionamento com o bebê.

“Entre outras funções, o casal parental serve como porta-voz das crenças, ideais e proibições que fazem parte de um discurso social amplo, ao qual também estão assujeitados.”⁸⁷

O “encontro” dos pais e seu bebê é determinante para inscrevê-lo nas redes simbólicas e nas relações de sentido social (os mitos, os ritos, as crenças e os valores). No entanto, a função do outro (os pais) supera o papel de apresentar o mundo à criança. Ao perceber o outro como diferente de si, a criança começa a ocupar seu lugar no mundo. O bebê deixa de sentir-se diluído no mundo (ou fundido com a mãe), para começar a descobrir seu corpo e se relacionar com o ambiente. O desejo do outro, nesse sentido, é importante para que a criança tenha consciência de si e de seus próprios desejos.

O bebê ocupa uma posição em que seus desejos pulsionais e os desejos de seus pais convergem para uma trama multideterminada. Sua própria realidade psíquica e a realidade psíquica do outro são vividas através dos processos de projeção-introjeção, fundamentais para que o sujeito possa acomodar os seus desejos e os desejos do outro dentro do seu aparelho mental.

Notamos que a importância das experiências vividas em relação com as outras pessoas (em especial, o casal parental) é determinante desde o início da infância. Através desses primeiros contatos mãe-bebê, as experiências de satisfação serão inscritas no aparelho mental e, a

⁸⁷ Correa, O B R., op. cit., p. 58.

partir daí, inscreve-se também o desejo⁸⁸. Uma vez que a fantasia é a encenação do desejo⁸⁹, ela mantém um estreito laço com a realidade material.

A questão relacional serviria como sustentação para compreendermos a função da realidade externa no desenvolvimento emocional. Nesse sentido, o fato de não se abrir mão da importância da realidade externa para a construção do aparelho mental, indicia importantes pontos de convergência com a noção envolvida na teoria da sedução.⁹⁰

Entretanto, há em Freud um outro argumento, aparentemente divergente, sobre as idéias expostas até este momento. Se por um lado a realidade externa tem valor porque é o lugar onde as trocas emocionais são vividas num momento imediato, por outro, Freud apresenta uma preocupação em encontrar evidências de realidade externa de um tempo remoto, muito longe do que se pretende no campo relacional.

Entre 1912 e 1913 Freud escreveu *Totem e Tabu*, numa tentativa de fundamentar a universalidade do complexo de Édipo. O livro pode ser compreendido numa estrutura de quatro ensaios:

No primeiro ensaio fala-se sobre uma suposta universalidade a cerca do tabu do incesto. O tabu do incesto impõe a interdição da possibilidade de relações sexuais com determinadas pessoas ligadas a um determinado totem. Freud usa vários exemplos para ilustrar esta interdição, mostrando uma certa repetição entre diversos povos de separar pais e filhos, ou mesmo irmãos, quando estes alcançam a puberdade. Freud expõe o complexo de Édipo como complexo nuclear da neurose. O neurótico sofre pela fixação incestuosa da qual não consegue se libertar.

No segundo ensaio, Freud fala de outros tabus que parecem, à primeira vista assumir um

⁸⁸ Desde o início dos textos escritos por Freud, como o Projeto para um Psicologia Científica(1895), esta idéia da inscrição do desejo através da experiência vivida na relação com a realidade material é visível.

⁸⁹ LAPLANCHE & PONTALIS. Fantasia originária, fantasias das origens, origem das fantasias.

⁹⁰ Discutiremos com mais cuidado esse argumento com capítulo IV da dissertação.

caráter de sagrado e estranho. As proibições são absolutamente necessárias, ainda que incompreensíveis, e invariavelmente os objetos tabus são acompanhados de uma qualidade misteriosa e forças poderosas. Para Freud os temores e rituais realizados em torno dos tabus expressam características da neurose obsessiva. A atração que o tabu exerce ocorreria porque ele está em relação com um desejo inconsciente, enquanto os cerimoniais são formas de proteção contra esse desejo: “(...) a base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação do inconsciente.”⁹¹ Além disso, Freud também pontua a importância dos sentimentos ambivalentes em relação ao objeto admirado, o que explicaria o sentimento de culpa sentido quando algo ocorre a este objeto.

No terceiro ensaio Freud continua falando da ambivalência e introduz o conceito de animismo, do sentido da força mágica do desejo ou da onipotência das idéias. O animismo remete ao narcisismo que, no desenvolvimento infantil, estaria entre o auto-erotismo e a escolha de objeto, o que parece estar consoante com a questão edípica: “ Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a si mesmos.(...)Os sujeitos comportam-se como se estivessem amorosos de si próprio(...)”⁹²

No quarto ensaio, Freud desenvolve o argumento de que a origem da cultura coincide com a origem do psiquismo. Investiga uma série de hipóteses de outros autores para compreender o totemismo, mas considera sua maioria insuficiente para elucidar as proibições. Frazer oferece uma tese com a qual Freud parece concordar: “ A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir.”⁹³

⁹¹ SB, SE e AM. vol. XIII.

⁹² SB, SE e AM. vol. XIII.

⁹³ SB, SE e AM. vol. XIII.

Freud parece basear-se nessa idéia de Frazer para argumentar que as duas proibições básicas do totemismo revelam desejos humanos e devem ser remetidas ao complexo de Édipo:

“Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago — não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses.”⁹⁴

Ainda neste ensaio, Freud descreve o banquete totêmico, que seria o evento original ocorrido em tempos remotos, mas que permaneceu como registro mental e é passado para cada nova geração, como herança filogenética:

Um dia, os irmãos, ligados a uma horda, uniram-se, mataram e devoraram o pai. Nenhum deles teria tomado seu lugar e, assim, a horda paterna teria encerrado. Satisfeito o desejo assassino, a outra polaridade da ambivalência afetiva teria sido despertada e geraria o sentimento de culpa e um respeito pelo morto muito maior do que o devido ao vivo.

A partir desse acontecimento instituíram-se os dois tabus principais: “não matar o animal totêmico e evitar as relações sexuais com os companheiros de totem do sexo oposto”, Freud articula estas idéias ao complexo de Édipo. Uma vez que Édipo desobedece a esses dois tabus fundamentais, deve furar os olhos para aplacar sua culpa.

Os tabus incutem as necessidades de moralidade, sociedade e religião e acabam organizando a realidade externa. Por outro lado, o Complexo de Édipo organiza a realidade psíquica através das fantasias edípicas, que devem sua universalidade à herança filogenética:

“Uma parte do problema parece ser respondida pela herança de disposições psíquicas que, no

⁹⁴ SB, SE e AM vol. XIII.

entanto, necessitam receber alguma espécie de ímpeto na vida do indivíduo antes de poderem ser despertadas para o funcionamento real. Pode ser esse o significado das palavras do poeta: aquilo que herdaste, adquira-o para possuí-lo.”⁹⁵

O mito do homem primitivo, desenvolvido por Freud em *Totem e Tabu*, parece ser a hipótese mais forte para explicar as fantasias inconscientes. A fantasia edípica, por exemplo, se fortalece em sua universalidade pelo argumento freudiano da herança filogenética. Ainda que a vivência de uma constituição familiar mãe – criança – pai ocorresse de fato no domínio da realidade externa e fosse sentida como realidade psíquica, a hipótese, aparentemente, mais forte, apresentada por Freud, era, em última instância, a de tendências filogenéticas que organizariam a fantasia edípica.

Veremos adiante, de que maneira a hipótese freudiana de herança filogenética pode ser substituída pelos argumentos laplanchianos de uma retomada da teoria da sedução, revista e reelaborada, em teoria da sedução generalizada. Desse modo pretende-se apresentar outra hipótese para se compreender a origem das fantasias, pelo método exposto por Laplanche.

⁹⁵ SB, SE e AM vol. XIII.

Capítulo IV

Da fantasia à sedução generalizada

Vimos o caminho realizado por Freud nas suas primeiras formulações sobre as noções de sedução e fantasia, pó meio de seus textos e das cartas escritas a Fliess. A determinação dos estudos psicanalíticos na busca pela etiologia das neuroses obteve como consequência um método para tratar os doentes neuróticos. A compreensão da histeria trouxe também uma compreensão do funcionamento mental e uma teoria sobre a mente humana. Nessa época, como vimos, Freud acreditava que a neurose era fruto do recalçamento de uma experiência de origem sexual que não se pôde associar aos conteúdos conscientes (eu).⁹⁶

Dessa maneira essas lembranças eram desvinculadas de seus afetos e recalçadas, formando o material inconsciente. Por outro lado, o afeto, desinvestido de suas lembranças, ligava-se a uma outra idéia da cadeia associativa do eu, ou associava-se às vias somáticas, ocasionado, respectivamente, sintomas como a obsessão e a histeria. Nesse momento da teoria, Freud buscava distanciar-se dos antigos métodos psiquiátricos que atribuíam as causas dos transtornos psíquicos à hereditariedade, ou simplesmente as desqualificavam, enquanto fingimento dos pacientes.

Freud, pelo contrário, atribuiu aos relatos de seus pacientes importância fundamental para compreender e tratar as psiconeuroses. A partir da teoria da sedução buscava-se um acontecimento traumático que pudesse justificar a doença. O conceito de sedução mostra a importância que Freud atribuía aos fenômenos relacionais do paciente com as pessoas de suas vivências, ou seja, da realidade externa.

⁹⁶ Capítulo I desta dissertação.

Estudamos também as implicações decorrentes da mudança da teoria da sedução para a teoria da fantasia, principalmente quanto ao valor atribuído aos fatores constitucionais e os fatores relacionais. A ênfase da realidade dos fatos relatados não era assegurada por uma realidade observável, positivista. Freud lançou luz a um outro tipo de realidade. A fantasia era tão determinante para a origem das neuroses quanto a sedução. As histórias que as histéricas relatavam durante seus tratamentos diziam respeito a uma realidade psíquica não observável no mundo externo. O conceito de fantasia nasceu acompanhado da noção de pulsão sexual, ou seja, a fantasia era o representante dessas pulsões sexuais que, por vezes, seguiam um caminho pré-determinado.⁹⁷

Compreendemos que a importância em reavaliar esse tema são as várias articulações com outros conceitos psicanalíticos que o movimento teórico realizado por Freud nos permite perceber, e que “comandam a estrutura da obra”⁹⁸. O movimento do pensamento freudiano- da teoria da sedução para a teoria da fantasia- não ocorreu em uma única direção. Veremos neste capítulo como a sedução é rearticulada à psicanálise e à noção de fantasia.

4.1 - A reelaboração da teoria da sedução ou a sedução generalizada

Na teoria da sedução a fantasia não passava de uma noção auxiliar e que muitas vezes era compreendida como um obstáculo para a clínica, uma vez que ela “falsificava” o evento. Sabemos que a procura dos eventos traumáticos era a chave para que o paciente pudesse reequilibrar a energia psíquica do aparelho mental.

A fantasia ocupou lugar principal a partir do momento em que se confirmou a idéia de que os relatos das cenas traumáticas nem sempre poderiam ser comprovados na realidade dos

⁹⁷ Capítulo II desta dissertação.

⁹⁸ MONZANI, op. cit., p.21.

fatos. Os motivos do aumento da importância da fantasia e a conseqüente diminuição da importância da pesquisa dos fatos para a origem da histeria foram discutidos através da evolução dos conceitos, tais como o inconsciente, e claramente explicado na carta de 21 de setembro de 1897.

A partir de 1897 ficou resolvido que a teoria da sedução seria “abandonada”. Entretanto, faz-se necessário ficarmos atentos sobre o que de fato ficou subjacente a partir do abandono do argumento da realidade material na origem do trauma. Usaremos as questões trabalhadas por Laplanche para podermos verificar como é formada uma experiência traumática:

“Fantasia ou realidade? Falsa questão ou verdadeiro debate? Questão verdadeira, embora mal colocada, no “ou” que dificulta toda articulação. Mas, sobretudo, questão a ser transmutada, se é verdadeiro que Freud, e mais ainda aqueles que pretendem reabilitar - ou, ao contrário, desqualificar – o traumatismo real não tem bem claro de que realidade se trata.”⁹⁹

Na verdade o debate será realizado entre dois elementos: a realidade efetiva de uma sedução e a teoria da sedução. Para tanto relembremos como essas duas noções se organizavam antes de 1897: a sedução infantil (postulada antes de 1897) concretizava-se em cenas que poderiam ser “reencontradas, reconstruídas, rememoradas.”¹⁰⁰ Este fato possibilitava a organização de um método que buscava fatos materiais sobre a vida do paciente, muitas vezes acompanhado de verdadeiras investigações “policiais”. O grande trauma eram acontecimentos de experiências sexuais vividas numa época de imaturidade sexual em que a criança é confrontada passivamente com uma sexualidade adulta.

A imaturidade sexual, ou a “impotência sexual inerente às crianças”¹⁰¹ era avaliada por

⁹⁹ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da Sedução generalizada e outros ensaios*. Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 85.

¹⁰⁰ LAPLANCHE, J. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: *Teoria da Sedução generalizada e outros ensaios*. p. 109.

¹⁰¹ Id. p. 109.

Freud em relação a uma escala de desenvolvimento da libido organizado em níveis de reação somática, nível de compreensão psíquica, etc. Sabemos que a criança sentirá a experiência traumática em duas cenas, dois momentos. A cena principal deverá ocorrer sempre num momento de imaturidade, situa-se num “pré”.

O agressor das histéricas era um perverso adulto que se colocava em situação ativa, submetendo a sexualidade infantil, imatura e passiva. Dessa maneira dava-se a cena primeira, originária, que acabava sendo sobreposta a outros acontecimentos, mas que deveria ser resgatada através do trabalho da análise. Laplanche nos fala que a grande característica da teoria da sedução é a questão da passividade da criança em relação ao adulto: “É este que toma a iniciativa, insinua-se por palavras e gestos: a sedução é descrita como agressão, irrupção, intrusão, violência.”¹⁰² Além disso, a teoria da sedução desenvolve-se sempre em mais de um tempo: a cena original e as outras cenas que se sobrepõem numa relação simbólica.

Para Laplanche o aspecto temporal da teoria da sedução permaneceu como uma aquisição da psicanálise. Esta noção de trauma em dois tempos compreende a seguinte idéia:

*“nada se inscreve no inconsciente humano senão na relação de ao menos dois acontecimentos separados. (...) O primeiro tempo, o do terror, confronta um sujeito não preparado com uma ação sexual altamente significativa, mas cuja significação não pode ser assimilada. Deixada em espera a lembrança não é em si mesma patogênica nem traumatizante. Só se o torna pela sua volta à consciência, por ocasião de uma segunda cena que entra em ressonância associativa com a primeira.”*¹⁰³

Sabemos que a teoria da sedução não conseguiu se sustentar no desenvolvimento da teoria psicanalítica. Após 1897 houve um período de recalçamento da teoria da sedução, mas algumas noções originadas da sedução permanecem no corpo teórico da psicanálise associando

¹⁰² Ibid., p. 110.

¹⁰³ Ibid., p. 111-112.

se a novos conceitos. Muitas noções desenvolvidas a partir da teoria da sedução serão conservadas, como a questão da importância da temporalidade para a formação do sintoma, mantendo sempre uma tensão entre a cena mais antiga com o drama mais recente.

Seguindo esse raciocínio é possível compreender que a tentativa freudiana de comprovar as fantasias originárias só podia se realizar por meio de uma essencial regressão a um outro tempo primitivo, na horda originária, utilizando-se do argumento de que há sempre algo mais antigo e, por isso, mais efetivo.

Após o aparente recalque da teoria da sedução a questão da realidade material na origem do trauma pôde ser pensada sob outros pontos de vista. Laplanche explica:

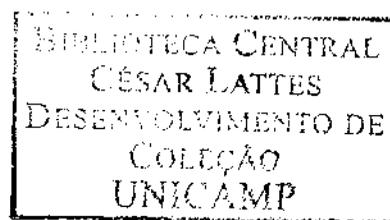
“O pai, grande personagem da sedução infantil, cede lugar à mãe (...) A sedução é aí veiculada pelos cuidados corporais prodigalizados às crianças.”¹⁰⁴

Dessa maneira devemos rever a questão da realidade não como uma experiência factual, mas através da sua efetividade. Uma vez que a sedução ocorre pelo confronto da sexualidade infantil com a sexualidade adulta, podemos compreender que a criança depara-se com essa situação na relação com a mãe, com quem entra em contato logo no início da vida. Portanto, a sedução é uma situação necessária, já que a criança precisa do contato com o adulto para ser amamentado, cuidado, higienizado, etc.

Segundo Laplanche, Freud não pôde reavaliar o fato da sedução com efetividade para a revisão de um outro estatuto da teoria da sedução porque estava preso a “uma teoria combinando um biologismo da pulsão e uma antropofilogênese das fantasias.”¹⁰⁵ Laplanche sugere então uma teoria da sedução generalizada, propondo de início uma nova avaliação da questão: passividade-atividade.

¹⁰⁴ Ibid., p. 116.

¹⁰⁵ Ibid., p. 116.



Usando os argumentos de Ferenczi, Laplanche concorda que a situação originária da sedução é a confrontação da criança e do mundo adulto. O “mundo adulto” de que se fala não é um mundo objetivo, no qual a criança teria que aprender a viver: o confronto ocorre entre as mensagens que são apresentadas à criança e que a questiona antes mesmo que ela possa compreendê-las.

Laplanche em seu artigo, “Da Teoria da Sedução Restrita à Teoria da Sedução Generalizada”(1988), afirma que o confronto adulto-criança - ativo-passivo - é efetivo porque o psiquismo parental é mais rico. O adulto propõe à criança significantes verbais, não-verbais e até mesmo comportamentais. Estes significantes, ou mensagens, são impregnados de significações sexuais inconscientes, aos quais a criança não é capaz de dar significados. As mensagens são veiculadas através do contato da mãe com o bebê e são denominadas pelo autor como “significantes enigmáticos.”

Defrontamo-nos, então, com o conceito de sedução precoce. Esse tipo de sedução pode ser compreendido ao lembrarmos que a teoria da pulsão propõe as noções de zonas erógenas, de fonte somática da pulsão, de pulsão parcial anal, oral ou fállica. As zonas são lugares de troca pois, além de serem zonas erógenas, são os locais que vão entrar em contato com a mãe por meio dos cuidados básicos. Motivados conscientemente pelo desejo altruísta, esses cuidados básicos abrem espaço também para que as fantasias de desejos sexuais inconscientes maternos sejam veiculadas.

Segundo Laplanche, a partir da noção de sedução originária desenvolvida por Freud antes de 1897, podemos reorganizar alguns aspectos, até compreendermos a noção da sedução precoce. Uma vez que o inconsciente permanente carregado de mensagens sexuais, as próprias contingências da relação mãe - bebê servem de palco para uma sedução inconsciente. Essa sedução ocorre na própria relação: adulto ativo X mente infantil passiva. Vejamos essa questão

com mais cuidado.

4.2 - Recalque na sedução

Para compreendermos como a sedução precoce se realiza, manteremos nosso caminho fundamentando-nos nos conceitos elaborados por Laplanche. Nossa tentativa é reconhecer o modo como algumas noções da teoria da sedução nos permitem reavaliar a natureza da fantasia. Ou ainda, qual a origem da cena que dará lugar à fantasia. Realidade mítica? Trauma originário? Representação da pulsão? E, por fim, qual é a respectiva parte da fantasia e/ou da realidade na causa dos sintomas neuróticos?

Não podemos abrir mão de Laplanche neste momento:

*“Sou totalmente oposto a todo recurso ao mito no freudismo: fantasmas originários filogeneticamente transmitidos, mito da horda, do assassinato do pai, etc. (...) Na minha opinião, é por ter deixado de perceber a situação originária de sedução, verdadeiro irreductível além do qual não é necessário(nem possível) regredir no tempo, que Freud se envolve nesta corrida de regressão pré-histórica (...)”*¹⁰⁶

Ainda que estejamos inclinados a recorrer à opinião laplanchiana somos obrigados a esclarecer a questão do trauma. O que antes era trauma físico, a investida física do adulto perverso em relação à criança, passa a ser compreendido, após 1897, como trauma psíquico. Partimos do princípio discutido ao longo deste trabalho: a realidade psíquica e os afetos inconscientes trazem a mesma eficácia para a origem das neuroses quanto os traumas vividos na realidade material. O ponto convergente que pode existir entre o traumatismo físico e psíquico é a “noção de furar”, penetrar, invadir:

“arrombamento extenso e não limitado de um envelope. Invasão implicando a necessidade de

¹⁰⁶ Ibid., p. 124.

*empregar todos os meios possíveis para bloquear o invasor, antes mesmo de pensar em evacuá-lo.*¹⁰⁷

O trauma se dá, no mínimo, em dois momentos. A temporalidade é importante porque a cena só pode ser traumática quando é reativada num momento em que a mente alcança o funcionamento genital. Antes disso a cena passa por sucessões de traduções no aparelho mental e, assim, sucessivas mudanças em seu registro. Dessa forma, a cena original fica para sempre perdida pela sobreposição dos vários registros traduzidos em cada novo estágio da libido. Ainda que, num outro momento, a cena primeira seja evocada, ela já está sobreposta a muitas outras cenas e traduções ao longo do desenvolvimento.

*“É aí que atua toda uma série de envelopamentos dos envelopes, uns em relação aos outros: corpo, ego-corpo ou ego-pele, aparelho psíquico, ego... existem aí coincidências parciais, que se fazem ou se desfazem, e nas quais desempenham um papel maior os pontos de tangência destes envelopes, as zonas de entrada e saída do corpo, as zonas erógenas.”*¹⁰⁸

Freud não perde de vista a importância da temporalidade para a origem das neuroses. Verificamos que, em seu caso clínico, denominado como O Homem dos Lobos, escrito entre 1914 e 1918, é possível perceber a necessidade de reconstrução de uma cronologia de acontecimentos e sonhos. Ainda que seja extremamente interessante o desenvolvimento deste caso, aqui nos interessa verificar que, mesmo muito tempo depois do que seria o “abandono” da teoria da sedução, o método freudiano continua sendo da tentativa de resgatar uma cena original.

Para Freud o processo do trauma situa-se num jogo de temporalidade. No método clínico, desenvolvido por Freud, parece clara a necessidade de resgatar a cena originária¹⁰⁹. Entretanto, sabemos, cada lembrança deve ter sido submetida a uma sucessão de traduções, como

¹⁰⁷ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da Sedução generalizada e outros ensaios*. 1988, p. 86.

¹⁰⁸ Ibid. p. 86

¹⁰⁹ Como aparece na análise freudiana do caso Dora, discutido no capítulo II desta dissertação.

ocorrem aos traços mnêmico ao longo do desenvolvimento psíquico¹¹⁰ e, por isso, não podemos resgatá-la em sua natureza original, como dado de uma vivência primitiva na relação com a realidade externa. O importante é que, se encontramos uma cena vivida ou fantasia, aquilo que é originário deve trazer uma imagem sem falhas, um “quebra-cabeça onde todas as peças devem se completar.”¹¹¹

O que foi recalcado deve ser resgatado. O conteúdo do que é recalcado é sempre sexual¹¹², ou seja, a cena recalcada deve ter suscitado o medo de um transbordamento ou esmagamento do eu devido a conteúdos sexuais. Dessa maneira a cena é recalcada e seu conteúdo afetivo deve ser deslocado para uma outra cena mais tolerável, da cadeia associativa do eu.

Laplanche nos esclarece que o medo do transbordamento, de que o eu não pode agüentar, deve ser vinculado aos conteúdos sexuais ligados à situação de passividade. Dessa forma, o eu permanece acuado numa posição passiva, submetido à ameaça de ser “atacado” por conteúdos de origem sexual ativa: “todo sexual começa por uma experiência de passividade (...): assim se encontra na postulação sistemática da histeria sob a neurose obsessiva.”¹¹³

Percebemos que o conflito é a oposição entre o desejo e o medo. Medo referente não apenas às proibições e tabus¹¹⁴, mas também o medo do ego (eu) sofrer um arrombamento, uma invasão de conteúdos emocionais intoleráveis. Na teoria da sedução, em um primeiro momento, os conteúdos emocionais intoleráveis de que falamos dizem respeito a situação ocorrida no

¹¹⁰ Noção desenvolvida por Freud e exposta na carta escrita a Fliess de 30 de maio de 1896. Apresenta um sistema de memórias diferentes em cada etapa da vida mental. Cada traço mnêmico deve ser traduzido para o modelo de memória referente a sua época atual. Nesta tradução os conteúdos mnêmicos são redistribuídos, ficando muito difícil, se não impossível, resgatar o registro mnêmico original. (discussão realizada no capítulo I desta dissertação.)

¹¹¹ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. p. 88.

¹¹² Questão tratada nos capítulos I e II desta dissertação.

¹¹³ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. p. 89.

¹¹⁴ Tema discutido no capítulo III desta dissertação.

contato com o adulto perverso. A essa noção Laplanche dá o nome de “teoria da sedução restrita.”

4.3 - Conceitos de passividade e atividade em Laplanche para uma teoria da sedução generalizada

Devemos nos ater neste momento a esta noção de passividade, pois ela nos parece primordial para compreendermos a cena recalcada e o trauma numa nova perspectiva. O que é recalcado - segundo a teoria da sedução até 1897 - é uma experiência sexual vivida com um adulto perverso. A criança, em sua posição passiva, sente-se arrombada, invadida pelos desejos e atos originados da sexualidade adulta e ativa.

Esta é a noção que prevaleceu até 1897, quando Freud abandonou a teoria da sedução restrita. Após esta passagem e com o desenvolvimento de noções como o inconsciente, sobre a pulsão sexual infantil e a sexualidade infantil polimorfa, a questão do que é ativo e passivo deveria ser reelaborada.

Uma vez que a criança sente prazer nas zonas do corpo, parece improvável saber se no contato com o adulto a criança também não poderia assumir uma posição ativa, ou mesmo ser a responsável pela iniciativa da sedução, ainda que de maneira inconsciente:

“(...) num ciclo de comportamento mãe- criança tudo é interação: a complementaridade, a reciprocidade, são evidentes: cada um é ativo e passivo à sua maneira, a criança tomando o seio, a mãe o dando.”¹¹⁵

Desse modo parece ainda mais complexo pensarmos num conflito entre comportamentos passivos e comportamentos ativos. Por essa razão os conceitos de passivo e ativo devem ser reelaborados, para que possamos compreender a obsessão freudiana por encontrar uma cena

¹¹⁵ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: Teoria da sedução generalizada e outros ensaios. p. 90.

primitiva mesmo depois do suposto abandono da sedução.

Após 1897, o pai como adulto sedutor é desacreditado, marcando um primeiro movimento da sedução para a fantasia. Em 1933, nas *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, Freud deu um passo a mais para as noções de fantasia e sedução. Ele utiliza-se do argumento de que a própria mãe pode exercer o papel de sedutora ao administrar os cuidados básicos em seu bebê. O que ocorre é consequência de uma inter-relação em que tanto o mamar (*saugen*), quanto o aleitar, ou dar de mamar (*saügen*) são ações de natureza ativa.

Entretanto, para haver sedução deve haver a irrupção de algo ativo numa outra estrutura passiva, num momento remoto que será recapturado numa situação posterior. Para compreendermos a teoria da sedução, reinscrita em Freud de maneira generalizada, guiar-nos-emos pelo argumento laplanchiano. Em seu artigo “Traumatismo, Tradução, transferência e outros trans(es)”, publicado em 1988, Laplanche cita Spinoza para esclarecer as noções de passividade e atividade:

“Proposição I. Nossa Alma é ativa em certas coisas, passiva em outras, a saber, conquanto tenho idéias adequadas, é necessariamente ativa em certas coisas; quando tem idéias inadequadas, é necessariamente passiva em certas coisas.”¹¹⁶

Compreendemos que a criança possui uma estrutura psíquica com grandes transformações, com menor capacidade de atuar no mundo externo, menos rica em termos de experiências etc. É possível pensar que a criança deve ter menor capacidade também para significar o que ocorre no contato com o outro e dessa forma está mais propícia a sumir uma posição passiva.

“A passividade e a atividade não devem ser definidas nem pela iniciativa do gesto, nem pela penetração, nem por qualquer outro elemento comportamental. A passividade está toda inteira na

¹¹⁶ Ibid.

*inadequação para simbolizar o que ocorre em nós vindo de parte do outro.*¹¹⁷

Tomando por base esse argumento reconsideramos as noções de *saugen* e *saügen*, abrindo mão da compreensão de uma reciprocidade típica da relação mãe-criança. Ainda que o ato de mamar (*saugen*) seja descrito por um do verbo ativo, ele segue apenas uma necessidade de autoconservação e estimula um comportamento de ordem instintiva. Por outro lado o ato de aleitamento é mais rico em mensagens enigmáticas: “O *saügen* é, sem dúvida, um comportamento, mas habitado por uma mensagem ‘de si mesmo ignorada’.”¹¹⁸ A passividade ocorre quando há uma estrutura mental fundamentalmente inadequada para compreender as mensagens que lhe são propostas.

Aquele que emite uma mensagem de conteúdos sexuais, ainda que de maneira inconsciente (*mensagens enigmáticas*¹¹⁹), deve possuir uma estrutura psíquica apta a compreendê-la, enquanto aquele que recebe a mensagem não possui condições psíquicas que permitem significar essa mensagem. Temos uma nova possibilidade de compreender a posição passivo-ativo, sem que seja preciso recorrermos a uma realidade material.

4.4 - Mensagens enigmáticas como “corpo estranho”

Tentando compreender melhor qual é a natureza das mensagens de que estamos falando, é necessário recuarmos para as conseqüências que a revisão da teoria da sedução - realizada inicialmente com a carta de 21 de setembro de 1897 – proporcionou para Freud.

Segundo o texto de Laplanche, “Traumatismo, Tradução, transferência e outros trans(es)”, a revisão de 1897 trouxe três possibilidades que nos ajudam a entender as conseqüências do aparente abandono da sedução restrita. Dessa maneira poderemos compreender

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Termo usado por Laplanche em sua teoria da sedução generalizada.

a maneira pela qual as mensagens enigmáticas - propostas na teoria da sedução generalizada - podem aparecer.

A primeira possibilidade é atribuí-la àqueles que compreendem que esta revisão ocorreu porque Freud não podia levar sua auto-análise às últimas conseqüências. Era-lhe impossível trabalhar com a possibilidade real de um pai pedófilo. Aos que assumem esta postura Laplanche denomina de “*revisionistas selvagens*”, ou “*apaixonados pelo real*”. Acredita-se, portanto que a revisão da sedução é fruto da resistência do indivíduo Freud, em conseqüência de sua auto-análise.

A segunda possibilidade traz uma compreensão clássica e trabalhada no capítulo 2 e 3 desta dissertação. A revisão de 1897 abre caminho para o reconhecimento das noções como realidade psíquica, sexualidade infantil, conceito de inconsciente, Complexo de Édipo e fantasias filogenéticas. Essa possibilidade Laplanche ironiza como sendo um “*happy end*”. O problema é que a situação abre espaço também para o que percebemos como um desvio biologizante, com as teorias biológico-filogênicas do Édipo, até a formulação de uma mítica freudiana.

Para Laplanche haveria uma terceira possibilidade que pode ser frutífera, pois não se agarra na noção de real em que se persegue um acontecimento, como na primeira opção; nem na noção de fantasia levada às últimas conseqüências como as fantasias filogenéticas e suspensa numa realidade psíquica, típicas da segunda opção. Laplanche nos chama atenção para a necessidade de nos aprofundarmos na noção de sedução precoce, ou “*sedução de base*”, que representam os cuidados maternos.

“Sua teoria (de Freud), sua libido, se encontrava dividida segundo três vias: a que continua a seguir o acontecimento; aquela que toma por regra a análise suspensa no meio da “realidade psíquica”; a que tenta elaborar a noção de sedução reduzindo-a ao essencial, especificamente a sedução de base que

representariam os cuidados maternos."¹²⁰

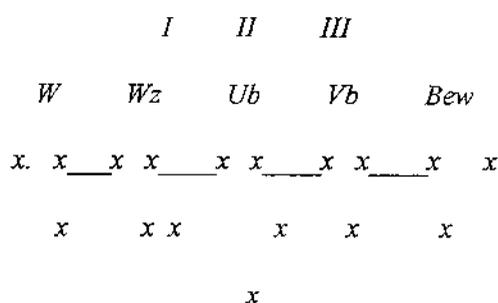
A terceira possibilidade parece ser mais frutífera para que novas noções possam ser trabalhadas, sem que abandonemos todo o método e as noções usadas antes de 1897. Neste caminho procuramos encontrar a questão da sedução ocorrida por meio das mensagens inconscientes do adulto que não podem ser compreendidas pela criança.

A possibilidade de trabalhar a noção de mensagens trocadas na relação adulto-criança pode ser encontrada no próprio momento em que a teoria da sedução restrita estava sendo construída por Freud. Isto porque é na carta de Freud a Fliess, datada de 06 de dezembro de 1896, em que se desenvolvem as noções de tradução e registro psíquico, Laplanche encontra uma possibilidade fecunda para desenvolver suas concepções de sedução generalizada.

Na carta há apresentação de sistemas sucessivos no tempo e que se ordenam no aparelho mental. Cada sistema é composto por sinais, ou traços de natureza diferente que devem ser traduzidos para a fase posterior e reinscritos segundo o funcionamento típico da nova fase. Dessa maneira ocorre a passagem de um sistema para outro por meio de um modelo "tradutivo":

"Como você sabe estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempo, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias- a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de só uma vez, e sim ao longo de diversas vezes, (e) que é registrada em vários tipos de indicações (...) Isto pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõem que os diferentes registros também sejam separados(não necessariamente em termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos(...)

¹²⁰ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da Sedução generalizada e outros ensaios*. p. 92.



W (Percepções) são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. É isto porque a consciência e a memória são mutuamente exclusivas.

Wz (indicação da percepção) é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com as associações por simultaneidade.

Ub (inconsciência) é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência.

Vb (pré-consciência) é o terceiro registro, ligado à representação da palavra e corresponde a nosso ego oficial. As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e, provavelmente, está ligada à ativação alucinatória das representações da palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos.(...)

Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre estas duas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico... Quando falta uma transcrição posterior à excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada províncias, ainda vigoram os fueros ; estamos na presença de "sobrevivências".

Uma falha de tradução - eis o que se conhece clinicamente como "recalçamento". O motivo

*disso é sempre a liberação de desprazer, que seria gerado por tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho da tradução.*¹²¹

Os sistemas se sucedem e cada etapa deve trazer um registro dentro das suas regras específicas de funcionamento. É dessa maneira que o aparelho mental parece se organizar, movimentando-se por meio da passagem de uma etapa para outra. O processo de passagem requer que os sinais sejam traduzidos de uma etapa para outra. Cada etapa traz seus sinais e em cada etapa os sinais têm traços de natureza diferente : “Língua de origem e língua visada, cada sistema é as duas coisas ao mesmo tempo: visada por aquele que o precede, origem para aquele que se segue.”¹²²

Os sinais lingüísticos aparecem apenas na terceira reescritura, ou seja, os sinais só podem se ligar à linguagem quando são traduzidos para o sistema Vb (pré-consciente). O recalçamento ocorre quando há falha na tradução, quando o sinal se recusa a ser traduzido e permanece inconsciente, uma vez que não alcança o sistema Vb.

A mensagem inconsciente, que é vivida no contato do adulto com a criança, não alcança o sistema pré-consciente, mas permanece intraduzível desde o primeiro registro W para o segundo Wz. O primeiro sistema, W (percepções), é composto não apenas por um índice de realidade mas também registra os signos correspondentes às percepções. Esta é a razão pela qual algo deve ser traduzido para o segundo sistema, é a primeira tradução ou a tradução originária: “É exatamente porque faz sinal (em todos os sentidos desta expressão) que é preciso tentar traduzi-lo, que ele se impõe, à criança, para ser *traduzido*, numa tradução originária que só pode deixar um resíduo importante, este *fuero* que vai cair no inconsciente, como representação-coisa.”¹²³

¹²¹ CFF, 208-209.

¹²² LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. p. 94.

¹²³ Ibid.

Uma representação é um traço mnêmico investido de afeto que pode se originar tanto de uma percepção essencialmente visual, quanto derivada dos registros de palavra¹²⁴. A representação de coisa é aquela que permanece inconsciente e desta forma não é traduzida até o terceiro sistema Vb (pré-consciência). A representação-coisa permanece funcionando pelo princípio primário, assim como os sonhos, as alucinações e as fantasias, buscando reencontrar uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação.

O que irrompe ativamente no contato entre a criança e o adulto é este registro intraduzível, a representação-coisa. Essa mensagem enigmática que a criança não consegue significar e de que o adulto não pode se dar conta. A sedução ocorre no interior da própria linguagem do adulto, em que o intraduzível penetra na estrutura mental da criança carregado de sinais sexuais inconscientes:

“Assim, no próprio lugar do traço de percepção, do Wz, o que é registrado antes mesmo de ser traduzido uma primeira vez, passivamente registrado, o que é preciso situar é uma “mensagem de si mesmo ignorada”, um significante enigmático. O intraduzível, o recalcado que se depositará a cada estágio ulterior, é apenas o eco, o resíduo, deste intraduzível interno à própria mensagem. É a transcendência da situação originária – esta relação da criança a um adulto que significa o que ela não sabe – que será traduzida, transportada, transferida com mais ou menos resíduos, mas jamais reduzida.”¹²⁵

Dessa maneira a sedução generalizada ocorre pelo contato da criança com as mensagens enigmáticas contidas na linguagem do adulto. As mensagens carregadas de conteúdos sexuais irrompem na mente da criança, que não consegue dar significados a essa situação. A sedução originária nos remete agora à noção de uma sedução muito precoce que ocorre no interior da

¹²⁴ LAPLANCHE & PONTALIS. Vocabulário da psicanálise, p. 450.

¹²⁵ LAPLANCHE, J. Traumatismo, tradução, transferência e outros Trans(es). In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. p. 94.

relação adulto-criança.

Se pudermos usar a analogia freudiana para compreender o modo pelo qual as situações de sedução poderiam ser traumáticas, lembraremos a metáfora do “corpo-estranho”. O que é recalado permanece na mente como um “corpo estranho” que será reativado num momento posterior e que poderá dar origem a uma neurose. Na Teoria da Sedução Generalizada o que se manterá na mente com potencial patogênico será a mensagem enigmática absorvida através da sedução precoce:

“A ‘generalização’ que opero, das seduições – infantil e precoce – freudianas à originária não é uma passagem a um primeiro tempo(...) é a passagem ao essencial à ‘efetividade’ em relação às seduições que apenas descrevem o ocorrido(...). A sedução originária quer dizer que é a presença de um maior sentido, mas de um ‘maior sentido’ escondido, ignorado(...). O estupro de uma criança por seu pai, as carícias eróticas de uma mãe só são sedutoras porque veiculam o enigma do desejo inconsciente adulto.”¹²⁶

Dessa maneira podemos compreender que a teoria da sedução não foi abandonada nem a teoria da fantasia. Elas foram reelaboradas de maneira que, ao invés de excluírem-se, acabaram enriquecendo-se mutuamente. A sedução não fica mais presa à investigação de uma realidade material, nem é abandonada em prol de uma realidade psíquica. A fantasia não precisa ser associada a uma mitologia filogenética. É no contato com o adulto que ocorre a transmissão de desejos e, através de mensagens inconscientes, devem ser representadas as fantasias.

¹²⁶ LAPLANCHE, J. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. p. 123.

CONCLUSÃO

Com a intenção de concluir as discussões propostas desde a introdução, somos obrigados, antes de mais nada, a deixar patente nossa falta de pretensão em apresentar qualquer tipo de solução para as questões levantadas. A intenção inicial da dissertação, indicada na Introdução, era promover uma discussão acerca dos conceitos de sedução e de fantasia no pensamento freudiano até os anos de 1920, tentando discutir as implicações surgidas dos movimentos que estes conceitos sofreram.

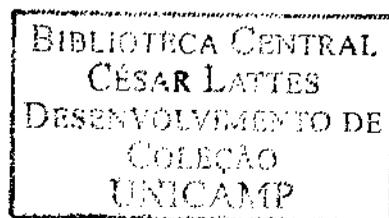
Partimos do pressuposto de que “é falso pensar que existem rupturas radicais no pensamento de Freud”¹²⁷, mas também entendemos que o desenvolvimento da teoria freudiana passou por vários momentos diferentes em que as noções originais foram reelaboradas e repensadas na medida que novas aquisições teóricas apareceram.

*“(...) tudo parece indicar que a possibilidade ou de um Freud que sempre disse a mesma coisa ou de um outro que em alguns momentos abandonou tudo para repensar a teoria a partir de outras e novas perspectivas é uma falsa alternativa.”*¹²⁸

A partir das noções de sedução e de fantasia tentamos acompanhar uma parte do movimento do pensamento freudiano. Inicialmente vimos a construção da teoria da sedução, baseada numa ausência de sexualidade infantil. A sedução foi apresentada como situação pontual, na qual o mundo assexuado infantil devia ter sido perturbado por investidas sexualizadas do adulto. Esta situação era compreendida como traumática e deveria ser fundamental para a origem da histeria. O primeiro movimento ocorreu quando a natureza dessa situação traumática deixou de ser compreendida como evento ocorrido de fato. A fantasia apareceu como uma noção chave,

¹²⁷ MONZANI, L. R., op. cit., p.301.

¹²⁸ Id., p. 302.



que contribuiu para que a realidade interna pudesse assumir um lugar fundamental no pensamento freudiano.

A natureza da fantasia nem sempre foi uma noção clara em Freud. Por um lado, ela parece estar completamente vinculada aos caminhos da pulsão sexual e bem menos ligada às questões da relação do sujeito com sua realidade externa. Em outros momentos parece que, para compreendermos a maneira pela qual uma fantasia é formada, devemos sempre nos reportar a um acontecimento na relação com o mundo externo, ainda que tenhamos que recuar ao estágio primitivo de existência, com as hipóteses filogenéticas, para assegurar a importância de uma vivência originária na formação das fantasias.

A compreensão da origem da fantasia foi submetida aos movimentos da psicanálise. Entretanto a fantasia, em suas diversas formas, parece manter uma função fundamental: assegurar a noção de temporalidade, apresentando-se principalmente vinculada à noção de origem.

"(...) se durante longo tempo, exatamente por relegar a teoria da sedução, a origem da fantasia fica obscura, mais tarde Freud retoma uma concepção dela que, em essência, é a mesma que sustentava no período anterior e que supõe, em última análise, a realidade da cena primária."¹²⁹

Como vimos, através das argumentações de Laplanche, algumas noções desenvolvidas na teoria da sedução permaneceram sempre no pensamento freudiano. Um exemplo disto é a compreensão de que há sempre algo mais antigo e, por isso, mais efetivo. Nos últimos textos freudianos, como em *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933), Freud reaproxima-se do conceito de sedução. Ela foi reelaborada e resgatada em um caráter bem mais difuso. Vimos que a “nova” sedução pode ser efetuada num gesto, nos cuidados básicos de uma mãe em seu bebê, numa carícia etc. Nestes contatos sutis a criança recebe e introjeta as fantasias

¹²⁹ Ibid., p.49.

e os desejos da mãe.

Por fim, ao estudarmos, nos textos freudianos, os movimentos da sedução e da fantasia, ficamos convencidos de que essas noções não podem ser compreendidas como opostas ou excludentes. O próprio Freud parece apresentá-las de maneira complementar, como na Conferência XXXIII de 1933:

*“E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina.”*¹³⁰

Em 1938, no texto *Esquemas de Psicanálise*, Freud demonstra mais uma vez a importância complementar da sedução e da fantasia para explicar a ocorrência do complexo de Édipo, sem recorrer às hipóteses filogenéticas. Segundo Monzani:

*“De agora em diante os fatores externos são tão ou mais importantes que os fatores internos. E agora é possível também fazer com que a teoria se adeque à prática clínica, isto é, que Édipo encontre seu verdadeiro estatuto teórico (...): é no e pelo desejo da mãe, da sua posse, que ela se explica.”*¹³¹

Essas tensões teóricas, que movimentaram o pensamento freudiano, parecem contribuir para que surjam várias interpretações, traduções e elaborações sobre os conceitos de fantasia e de sedução. Como exemplo, encontramos Melanie Klein que adota a fantasia enquanto conceito fundamental em sua teoria.

A fantasia kleiniana é o representante mental da pulsão e guarda diferenças essenciais da fantasia freudiana. Devemos, esclarecer que, para Melanie Klein, a pulsão é compreendida numa

¹³⁰ SB, SE e AM vol. XXII.

¹³¹ MONZANI, L. R., op. cit., p.52.

visão prioritariamente qualitativa, sempre através das relações objetais¹³². Nesse sistema de relações objetais não se fala de conservação de energia, mas de representação mental vinculada à construção de significados.

Para Baranger uma diferença importante entre a teoria freudiana e a kleiniana é a discussão sobre o conceito de imagem mental. Ele esclarece que, enquanto Klein entende a realidade psíquica através de fantasias com imagens, Freud entende o mundo imaginário como receptor de cargas de energia, formado por fantasias revestidas de algumas qualidades sensoriais.

Quando pensamos na sedução e nas noções a ela relacionada, podemos citar Sandór Ferenczi que parece ter levado às últimas conseqüências sua busca pelo evento original. No livro de 1928, *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*, ele propõe uma ciência bioanalítica, a qual pretende transferir sistematicamente os conhecimentos e métodos da psicanálise para as ciências naturais. Ferenczi poucas vezes usa a palavra fantasia, mas entendemos que ele desenvolve argumentos muito parecidos com as hipóteses freudianas de fantasias filogenéticas. No entanto, ele propõe um recuo a situações muito mais remotas do que aquelas desenvolvidas no livro de Freud, *Totem e Tabu*. Os símbolos descobertos pela análise são “indicações historicamente importantes de fatos biológicos recalçados”¹³³.

“Nossa investigação mais minuciosas incidiu sobre esse trabalho de adaptação dos seres vivos que lhe foi imposta por um das ultimas catástrofes, a secagem dos oceanos (...). O sono, o coito, mas também o desenvolvimento de uma bolsa amniótica cheia de líquidos e de um modo geral, a fecundação interna e o desenvolvimento intra-uterino são, segundo nossa hipótese, outras tantas organizações tendentes a restabelecer essa fase da evolução aparentemente ultrapassada.”¹³⁴

¹³² As relações objetais postuladas por Klein guardam diferenças fundamentais com a concepção freudiana. Klein não fundamenta sua noção de relação objetal, obrigatoriamente, através da relação com a realidade externa.

¹³³ FERENCZI, S., op. cit., p. 110.

¹³⁴ Id., p. 111.

Devemos reconhecer que as teorias psicanalíticas, tão diferentes quanto seus autores, parecem ser consequência das várias perspectivas que o pensamento freudiano acabou abrindo para se pensar a mente humana. Não cabe a nós definir qual é legítima, ou qual está equivocada. Sabemos entretanto, através deste trabalho, que o pensamento freudiano passou por vários momentos de ajustes e reajustes e que muitas questões aparentemente não esclarecidas merecem ser investigadas nos próprios textos de Freud.

Este trabalho põe aqui um ponto final por coerções da escrita. Mas abre caminho para repensarmos as questões que aqui se enunciaram e pede a continuidade das reflexões. Na verdade este trabalho (re)inicia agora seu diálogo com outras formulações, novas direções, novos rumos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE FREUD:

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Dir. J. Salomão, 24 vols., Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. 24 vols., Londres: The Hogarth Press, 1953-74.

_____. *Obras Completas*. 24 vols., Buenos Aires: Amorrurtu editores, 1989.

As referências das citações são indicadas pelas siglas **SB**, **SE** e **AM**, respectivamente.

CORRESPONDÊNCIAS DE FREUD:

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. Indicada pela sigla **CFF**.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

AMARCHER, Peter. Freud's neurological educations and its influence on psychoanalytic theory. In: *Psychological Issues*. v. IV, n. 4, 1965.

AZOUBEL, David. *Mito e Psicanálise: estudo psicanalítico sobre formas primitivas de pensamento*. Campinas: Papirus, 1993.

BARANGER, Willy e BARANGER, Madeleine. *Problemas del campo psicoanalítico*. Ediciones Kargieman. Buenos Aires. 1969.

BLUM, Harold P. Minimonografia particular de Freud sobre seus próprios sonhos: uma contribuição à celebração do centenário de A Interpretação dos Sonhos. In: *Livro Anual de Psicanálise*. Tomo XVII, São Paulo: Editora Escuta, 2003.

CALOBREZI, Edna Tarabori. *Morte e alteridade em "Estas Estórias"*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CORREA, Olga B. Ruiz. *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

FERENCZI, Sándor (1873-1933). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Trad. Álvaro Cabral. Rev. técnica Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERNANDES, Sergio Augusto Franco. *Uma noção de verdade a partir da análise dos chistes conceituais*. Orientado por Luiz Roberto Monzani - Dissertação de Mestrado para a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 2002.

GABBI JUNIOR, Osmyr Faria. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

_____. Alice e a metapsicologia: a psicanálise como teoria do contra-senso. In: *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Campinas: Editora Unicamp, maio de 1992.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. *Artigos de metapsicologia: 1914-1917*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

GOLDGRUB, Franklin W. *Trauma, amor e fantasia: história lógica da teorização do inconsciente na obra de Freud*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

HANS, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

ISAACS, Susan. A natureza e a função da fantasia. In: *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984.

JONES, Ernest. *Vida Y Obra de Sigmund Freud I: (1856-1900)*. Trad. Dr. Mario Carisky. Buenos Aires: Editora Paidós, 1976.

KING, Pearl e Ricardo Steiner(orgs.). As controvérsias Freud-Klein: 1941-1945. In: *Nova Biblioteca de Psicanálise*. Coordenador da edição brasileira: Elias Mallet da Rocha Barros, São Paulo: Imago.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984.

_____. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e Gratidão*. (1952). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. p. 85-118.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocábulo da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993.

_____. Vocabulário de psicanálise. Laplanche e Pontalis, sob direção de Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 426.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante*. Trad. Lucy Magalhães. Rev. técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Hölderlin e a questão do pai*. Trad. Clovis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. *Teoria da Sedução generalizada e outros ensaios*. Trad. Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. *La Sexualidad*. Trad. Hugo Acevedo. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1980.

MASSON, Jeffrey Moussaief. *Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud*. Trad. Ana Maria Sarda e Heloisa Gonçalves Barbosa. Rev. técnica Helena Lins de Barros. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984.

MCDUGALL, Joyce. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MILL, John Stuart. *A Lógica das Ciências Morais*. Introdução e tradução: Alexandre Braga Massella. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1999.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

_____. A “fantasia” freudiana. In: *Filosofia da Psicanálise*. Bento Prado Jr., Luiz Roberto Monzani, Osmyr Faria Gabbi Jr. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PERESTRELLO, Marialzira. *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

RODRIGUEZ, A. e GASPARINI, A. Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via estresse e trabalho. In: *Psicossomática Hoje*.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *O conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud*. Orientado por Osmyr faria Gabbi Jr. - Dissertação de Mestrado para a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1995.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. e org. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SEGAL, Hanna. *Introdução à obra de Melanie Klein (1975)*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Nasio, J.D. Quarta lição: a fantasia. In: *Transmissão da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

SILVA, Nelson Jr. Modelos de subjetividade em Freud. Da catarse à abertura de um passado imprevisível. In: *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XIII, n. 139, p. 34-48.

_____. 'Um estado de alma é uma paisagem...' Explorações da especialidade em Fernando Pessoa e Freud. In: *Revista Percursos*. Vol. 15.

_____. *Freud e a ontologia romântica da subjetividade: ser e significado na escuta analítica*.

SIMANKE, Richard Theisen. *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SÓFOCLES, (496 ou 494 Ac.-406 ac). *Édipo Rei*. Tradução: J.B. Mello e Souza. Seleção de textos: Maura Sardinha. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

SPENCE, Donald P. *A metáfora freudiana: para uma mudança paradigmática na psicanálise*. Tradução: Júlio Cesar Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SPILLUS, Elizabeth Bott. O conceito de fantasia em Freud e Klein. In: *International Journal of Psychoanalysis*. Livro Anual de Psicanálise Tomo XVII, São Paulo: Editora Escuta, 2003.

WOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.